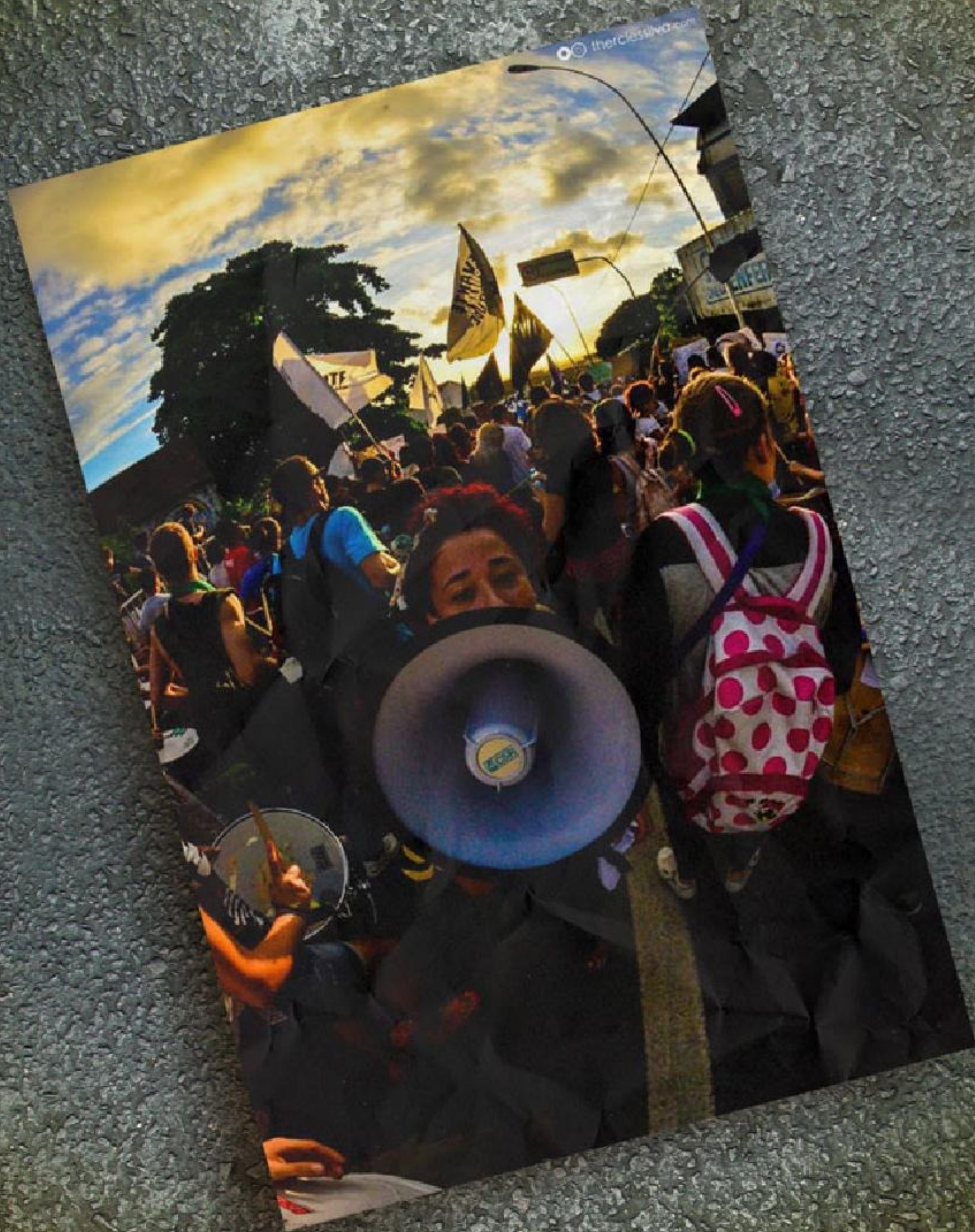


# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Ano 5 – Nº15 – Mai./Jun./Jul. 2013





# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 5 – Nº15 – Mai./Jun./Jul. 2013

ISSN: 2238-930X



[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)



[www.facebook.com/revistaBlecaute](http://www.facebook.com/revistaBlecaute)



[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)



[@revistablecaute](https://twitter.com/revistablecaute)

Copyright © 2013, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: uma revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA: sem título, 2013  
Autor: Thercles Silva  
Técnica: Fotografia  
2º Ato público Avanta JP

Editores:  
Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio  
brunogaudencioescritor@gmail.com / @BrunoGaudencio

Janailson Macêdo Luiz  
janailsonmacedo@hotmail.com / @jan\_macedo

João Matias de Oliveira Neto  
j.matias@msn.com / @j\_matias

Flaw Mendes (Editor Visual)  
flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 5, n. 15  
(Julho/Agosto/Setembro de 2013) – Campina Grande, 2013.  
p.: 83, il. color.

ISSN: 2238-930X

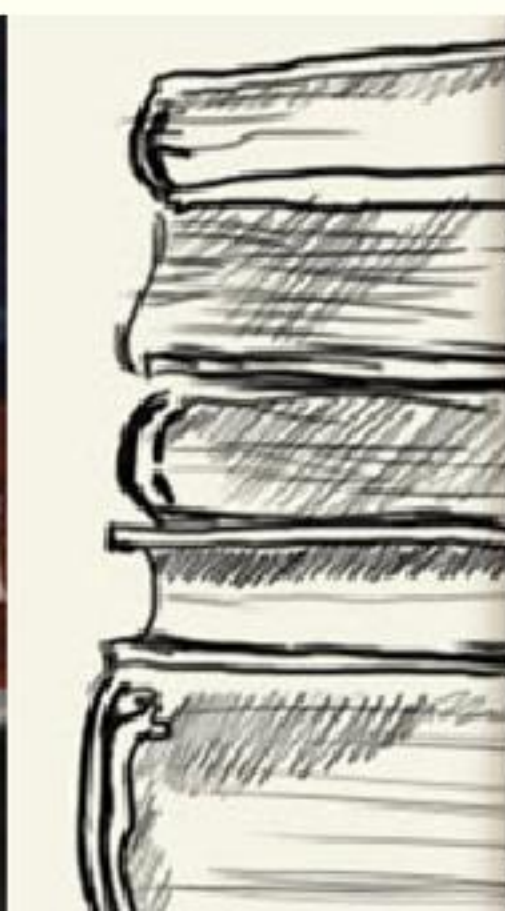
Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,  
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –  
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD



- 05| Editorial: Quase 5 anos
- 06| Conto: O Muro - Por Maria Valéria Rezende (PB/SP)
- 09| Poemas: Consolação, inverno, 15h20 e outros poemas -  
De Eduardo Lacerda (SP/RS)
- 18| Santo Ofício: O Mistério da criação - Por Franklin Jorge (RN)
- 20| Poemas: Você disse que sonhos é como fazer musculação e outros poemas  
- De Diego Moraes (AM)
- 22| Tiradas do Baú: Rede social - Por Raoni Xavier (PB)
- 23| Conto: O tipo de merda que acontece - Por Roberto Denser (PB)
- 27| Poemas: África Mãe zungueira e outros poemas -  
De Gociante Patisa (ANG)
- 32| Ensaio: Memórias do Subsolo: o romantismo em Dostoievski -  
Por Manoel Carlos Fonseca de Alencar (CE)
- 38| Poesia Imaginada: Poeticaos - Por Flaw Mendes (PB) - livro: Acaso Caos,  
de Bruno Gaudênio -(PB)
- Novo!** 39| Ofício Literário: Não há outro jeito felizmente -  
Por Reynaldo Bessa (SP/RN)
- 42| Poemas: Poema lagarto para uma mulher madura e outros poemas -  
De Jorge Campero (BOL), (tradução de Vamberto Spinelli Júnior - PB)
- 52| Contos: Mãos, gazes e ataduras - Por Wander Shirukaya (PE/SP)
- 56| Aeropago: Meu avô era Santiago - Por Valdênio Freitas (PB)
- 58| Estante: Travessuras da menina má (Mario Vargas Llosa) -  
Por Ivan Cavalcanti (PE) e Murilo Rubião - Obra completa, (Murilo Ru-  
bião) - Por João Matias (CE/PB).
- 62| Conto: Paraíba - Rio de Janeiro - 4:30h - Por Flaw Mendes (PB)
- 64| Poemas: Chegando em casa e outros poemas - De Mariel Reis (RJ)
- 69| Conto: Um certo Jesus - Por Wilson Gorj (SP)
- 74| Ensaio: Persuasão de Jane Austen: Por que ler um clássico? -  
Por Jeanne Paganucci (BA)
- 78| Poema: Na ânsia e outros poemas - De Leo Barbosa (PB)
- 82| Artista da capa: Thercle Silva





## Quase 5 anos

Algumas coisas ocorrem sem que planejemos. Uma delas foi a Blecaute, em quase 5 anos de existência, revelar tantos e quantos autores nestas mesmas páginas que buscam superar fronteiras. Não fomos, claro, nem nunca seremos a experiência pioneira na democratização do acesso à literatura via internet: antes de nós, ideias diversas entraram em circulação, revelaram autores, criaram círculos importantes para se debater literatura. Em 5 anos, a Blecaute se propõe a fazer o mesmo, dentro e fora da Internet.

Nestes 5 anos lançamos o que houve de melhor entre grandes escritores paraibanos, nordestinos e brasileiros. Por Campina Grande (PB), passaram Rinaldo de Fernandes, André Ricardo Aguiar, Wellington Pereira, José Inácio Vieira de Melo, Hildeberto Barbosa Filho, Sérgio de Castro Pinto, Maria Valéria Rezende, Paulo Vieira, Bráulio Tavares, Roberto Menezes, Wander Shirukaya, Mercedes Cavalcanti, Mabel Amorim, André de Sena, Ricardo Kelmer, Linaldo Guedes, Bruno Ribeiro, Lau Siqueira, Antonio Mariano, Vitória Lima, Renato Tardivo, entre outros amigos – são tantos!

A partir deste debate com o grande público, temos mais de três mil e-mails que recebem a Revista Blecaute, sem falar naqueles que baixam dia após dia a Revista Blecaute em seu web site. Nossa grata vontade: propiciar uma proximidade entre escritor e leitor para além dos livros, das revistas e do ambiente virtual. Foram bate-papos, encontros, lançamentos, saraus e diversos círculos de conversa, troca de ideias, experiências, incursões pela noite boêmia e fria de Campina Grande. Sinta-se em casa.

Não por menos, neste número, alcançando conquistas já antes vislumbradas, provamos o estreitamento de nossas relações com outros movimentos literários, a exemplo dos movimentos em países lusófonos e de escritores publicados em nossa Revista oriundos de países africanos. Parte de nossa abertura para as artes visuais e outras linguagens, figuraram por todos os números da revista: a arte de artistas paraibanos, nordestinos e brasileiros de brilhante reconhecimento, seja em fotografias, seja em linguagens como quadrinhos e artes plásticas. Em uma proposta de enquadrar ainda mais este universo, temos um artista de fôlego a ilustrar nossas edições e manter uma coluna fixa.

Esperamos, como em toda revista, que o leitor se deleite com a diversidade de textos e experimentos estéticos que colhemos. Mais do que nunca, saberá que cada um dos leitores conquistados, uma repercussão que nestes quase 5 anos tem sido bastante positiva, constituem a mesma corrente grata de amigos a nos ver nos lançamentos, encontros e outros eventos.

O Núcleo Blecaute, corpo editorial da Revista, é mesmo um núcleo a se fortalecer de tantas forças girando em redor.



## O MURO

*Por Maria Valéria Rezende*

Hoje fecharão a última brecha do muro. Já não haverá mais passagem alguma, nem um buraco para espiar de um lado para outro, nem uma frincha sequer por onde possa minar algum fluido, já nada nem ninguém poderá entrar nem sair. Há que escolher agora de que lado permanecer. Quem ficar lá dentro será para sempre, dizem eles, para sempre. A altura do muro, cuja beirada chega ao mesmo nível que o topo do morro que ele cerca, foi calculada para que ninguém possa ultrapassá-lo, já que eles têm certeza de que nenhum dos que ali se encerrarão é capaz de voar. Não há hipótese de que os de dentro possam, como sempre fizeram, cavar túneis e, como ratos, escapar pelos esgotos da cidade.

O grande império do norte cedeu imensos blocos de um novo material cuja fórmula é secreta, sabemos apenas que é produzido com substâncias de asteróides e poeira de cauda de cometas, fruto de um fantástico esforço de desenvolvimento tecnológico para a paz, explicaram, blocos impenetráveis, assentados desde profundidades insuportáveis para seres humanos e mesmo para ex-humanos. Este é o primeiro muro desse projeto. Os planos incluem mais de uma centena deles. Serão a solução, dizem, haverá paz no mundo, afinal.

Resta uma única brecha, estreita e vertical, sobre a boca de um fosso que desce até à porta do inferno. Uma ponte de tábuas mal pregadas atravessa o fosso neste último trecho ainda vazio. A ossada de um descomunal dinossauro de ferro retém nos dentes um dos últimos blocos, sobre as nossas cabeças. Eu aqui estou, a poucos metros da abertura, tenho medo, tento compreender por que vim parar aqui, ainda espero voltar para trás, talvez. Meus olhos e meu cérebro registram tudo, com a frieza de uma câmara digital, mas tenho medo, devo ter muito medo e confusão.

Desde o início acompanhei da minha varanda o movimento das obras, ao longe. Quando assentaram a fileira superior de blocos e o espantoso projeto revelou-se por inteiro, deve ter-me deixado boquiaberta pois, um dia, há cerca de uma semana, sem que eu percebesse o perigo, o anzol de Deus físgou-me no céu da boca e desde então Ele vem puxando a linha, devagarzinho, incansável. Não me pude libertar do anzol e, debatendo-me, fui arrastada até aqui.

Deus é um pescador surdo e eu já mal posso gritar, com este anzol fincado na boca. Nem me mover posso, estendida assim, no chão, sob o corpo de um menino incrivelmente pesado, tão magro! Caímos aqui, os dois, embolados, bem no meio do rego de águas imundas que desce do morro e desaparece no sumidouro sob a ponte de tábuas. Estou do lado de dentro do muro. Nem percebi que entrava. Eu estava ainda lá fora, resistindo como podia à força da linha, quando vi um menino traçando, com um jato de tinta vermelha, sua marca tribal na superfície virgem do muro, bem ao lado da brecha, antes que os homens armados que vigiam a entrada o pudessem impedir. Mal vi quando o agarraram e lhe torceram o braço, porque a linha de Deus, como se passasse entre os corpos dos guardas e o da sua presa, num último puxão, atraiu-me



contra eles com tal violência que os separou, atirando-nos, o menino e eu, através da abertura.

Devo ter batido a cabeça com muita força, ao cair, porque me dói e ainda estou um pouco tonta. Demorei-me estirada no chão, mesmo depois que o menino se refez, saltou de pé, libertando-me, e o vi correr em direção a uma das subidas do morro, levando na mão seu spray de tinta, na ponta do braço elevado, como se carregasse uma tocha. Tive vontade de simplesmente ficar ali deitada, numa espécie de paz que me veio quando deixei de sentir a dor do anzol no céu da boca, mas à minha volta formava-se uma multidão que se adensava rapidamente, acotovelando-se, afunilando-se em direção à precária ponte de madeira sobre o fosso. Temi ser pisoteada, levantei-me com esforço, tonta, empurraram-me, para trás, mais para trás até que me vi junto ao ângulo de um dos becos que se enrosca morro acima.

Nem pensei em voltar para a passagem no muro. Deus atirou-me para dentro de seu samburá de estreita boca, já não me debato. Soube logo que subiria, mas não por qual caminho, até que vi, pouco mais adiante, numa parede suja daquele mesmo beco, a marca do menino magro, fresca e brilhante, um fio de tinta vermelha ainda escorrendo. O único sinal que eu, vagamente, podia interpretar, neste mundo estranho onde nunca antes sequer imaginei penetrar. Meti-me pela viela que, alguns metros adiante, ao topar com uma parede de zinco e madeira carcomida, quebrava-se para a esquerda. Ninguém. Tive a impressão de que já não havia mais ninguém nesse labirinto, só eu e o menino pichador, porque pouco antes de que o caminho se bifurcasse, mais acima, vi outra vez a rubra assinatura. Sem outro fio senão aquele para guiar-me, eu o segui. Hesitei na bifurcação, mas ela estava lá outra vez, a marca, dizendo-me que lado escolher, direção que tomei sem mais duvidar, entranhando-me na armadilha das ruelas intrincadas.

Afastei-me cada vez mais da saída para o mundo de fora, pouco a pouco os ruídos do tumulto lá de baixo foram-se apagando de meus ouvidos e pude perceber outros sons, muito mais próximos, por detrás das paredes lodosas que me cercavam, ruídos de vida, alguém que escarrava, alguém que gemia, sem que eu distinguisse se de dor ou de prazer, uma porta que rangia, e então comecei a vê-los, por toda parte, acima de minha cabeça, a mulher velha debruçando-se perigosamente da beirada de uma laje torta, mais adiante, um pequeno pé, calçado em borracha gasta, de alguém que virava apressadamente uma esquina, um olho congestionado, entre as duas folhas desencontradas de uma janela, uma cabeça de menina projetando-se de uma porta para logo esconder-se de novo. Espiavam-me, fugiam de mim como bichos ariscos, pensei, para em seguida perguntar-me se não teria, eu mesma, um aspecto amedrontador para eles. Mas as mal traçadas linhas vermelhas se repetiam a intervalos regulares, aparecendo sempre diante de mim quando o caminho parecia findar num ângulo abrupto, atraindo-me para cima, como antes me havia puxado a linha de Deus, e eu segui adiante porque nada mais podia fazer.

Segui, sem deter-me, sem reagir a nada, nem mesmo quando a subida tornou-se mais



íngreme e custosa, nem quando as ruelas começaram a encher-se de viventes que me olhavam descaradamente, já sem espanto, como a me desafiar, quando seu cheiro me agrediu as narinas e suas vozes me soaram duras, esganiçadas ou fanhosas, quando vi bocas que riam de mim, que estropiavam as palavras, caras escuras que eu não podia reconhecer, feios, talvez maus, imaginei, como disseram que eles são.

Compreendo agora porque já parecem ter-me esquecido. Eles continuam por aí, há milhares deles, milhares, amontoados, pelos becos, pelas vielas, nos cantos, por detrás das portas tortas, mas nem se importam mais comigo. Há pouco compreendi que já não me vêem porque me estou tornando parecida com eles. Ao virar a esquina de uma ruela deparei-me com o vulto de uma mulher envelhecida, desgrenhada, escura, como todas as outras, mas vagamente familiar. Hesitei, surpresa, creio que esbocei um gesto qualquer, interrompido pela descoberta de que diante de mim, apoiada contra uma parede, o que havia era a porta arrancada de um armário qualquer, com um resto de espelho.

Sinto-me invisível agora e, por isso talvez, segura. Continuo subindo. Irei até ao alto. Vou chegando ao topo do morro, olho para baixo e contemplo o que desde agora será tudo. O mundo condenado. Ouço gritos, o som exasperante de uma sirene, vão concluir a clausura, meu olhar alcança ainda uma nesga do outro, o lá de fora, o que será preservado, dizem. O último imenso bloco cinzento encaixa-se no seu lugar com estrondo. Escurece e já não tenho mais para onde ir.

Estou só, aqui em cima, onde não há construções humanas, apenas um imenso ovo de pedra bruta para o qual me volto e no qual me absorvo até ensurdecer, sem saber se tudo o que vi ainda existe ou se o mundo ainda está por nascer.

De repente, entre eu e a pedra, o menino do spray de tinta, o gesto rápido, sua inscrição rupestre. “Quer pichar também, tia?, sobrou tinta...”



*DE EDUARDO LACERDA*

**Consolação, inverno: 15h20**

– A voz é uma vontade  
do corpo (assim como  
o sexo, como a fome) –

E não, nenhum homem  
não dirá – à saída do  
metrô: não tenho nome.

Haverá algo: entrada,  
mas ainda saída (via  
dupla de grito ou eco



## CONDICIONADOR

Agora

que meus cabelos

cresceram

*(e parecem femininos)*

tenho menos

medo

que pareça

desespero

minhas duas mãos cravadas

no centro

de minha

cabeça:

agora que meus cabelos cresceram

*(e constantemente cobrem meus olhos)*

penso

que parece o tempo

o tempo todo

que estou negando



algo

*(assim, quando os balanço,*

*para o*

*lado).*

Mas também

que afirmo

*(como um cisco*

*para um alimento)*

quando

insisto

*(reticente) em*

ir com eles

para trás e

para frente.

E,

embora,

agora que meus cabelos

cresceram

e esses gestos



*(e minhas mãos ali no centro)*

não

pareçam

desesperos

*(muitos*

*pensam até*

*que parece*

*um carinho).*

Carinho, carinho, carinho, carinho

ninho:

de coceiras

de palavra que se vai  
engolindo). Algo ainda  
: uma fala clara, pedido.

/ Sambando sobre  
(sob) o lixo,  
que música ouvirá  
em seu fone

(o mendigo)?

Aprenderemos

que o grito  
é toda a indiferença



que se aprende

a tocar o

outro

de ouvido? /



**Abismo**  
*(para Karine)*

Sua dança, brilho:

um passo

em

falso *(tão sincero,*

*nenhum erro)*

entre a queda

e

o

equilíbrio

- contínuo -

*(Eu não danço, eu só vejo)*

Sua dança,

um arrepio,

não,

um atropelo.

(Poemas do livro “*Se não há corpo, não há crime*” – inédito)



## A Última Ceia

Há regras à mesa  
como em um brinquedo  
de quebra-cabeça.

/ E eu não entendo  
os dispostos à esquerda

dos pais.

Restos do pequeno  
que sentavam ao meio

da mesa (como prato  
que se enche  
e procura lugar entre  
as pessoas). /

Já não me encaixo  
depois que aprendi  
a olhar de lado  
e sair por baixo.



## Aceno

Como  
um equipamento  
que

funciona, mas  
apresenta

defeito,

em  
algum momento

escolhi como gesto

algo entre  
a dúvida  
e o excesso.

/ se me dou meio abraço,

(pois é isso o que faço:  
passo meu braço direito  
pelo meu peito

e toco meu ombro  
esquerdo.)

o meu reflexo,  
quando me toco,  
e me chamo

é olhar para o outro lado. /

E se me ignoro, quando me chamo,

(quando toco meu ombro)



como a um aparelho  
para que  
pegue

no tranco,

eu me soco

para que aceite

o meu afago.

Não funciona.

Dar de ombros é

o meu aceno.

(Poemas do livro “*Outro dia de folia*” (Patuá, 2012))

---

**EDUARDO LACERDA** (SÃO PAULO/RIO GRANDE DO SUL) – Poeta e editor. Autor do livro de poemas *Outro dia de folia* (Patuá, 2012). Coeditou a Revista *Metamorfose* e *O Casulo* – Jornal de Literatura Contemporânea. Atualmente, é editor da Editora Patuá. Tem poemas publicados em revistas eletrônicas e impressas como *Entrelivros*, *Mirante*, *Ventos do Sul*, *Cronópios*, *Germina* e em algumas antologias, como a *Antologia Vacamarela* e *El Vértigo de los Aires* (México). *Outro dia de folia* foi premiado pelo ProAC 2011 - Programa de Ação Cultural do Governo do Estado de São Paulo. Atualmente está escrevendo *Se não há corpo, não há crime*, seu segundo livro de poemas.



## O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO

*Por Franklin Jorge*



É comum ouvir-se da boca de literatos e artistas as piores coisas sobre o exercício da crítica. Creio, porém, que estão equivocados, pois a meu ver a crítica é uma das principais ferramentas do trabalho literário e artístico.

De minha parte, devo dizer que jamais abri mão de sua colaboração, pois ainda muito jovem percebi o papel que ela desempenha nesse processo, ao manifestar-se, em primeira instância, como autocrítica. Por isso, reconheço o que Cassiano Ricardo, Mauro Mota, Almir Borges, Leila Mícolis, Alcyone Abrahão, Jarbas Martins e Márcio de Lima Dantas fizeram por mim, segundo a lição de Eliot, ao criticarem em detalhe um determinado texto meu. Aprendi com eles, assim, que nenhum trabalho honesto é fácil e que a arte exige uma longa e interminável paciência.

Insisto, pois, sobre a relevância da crítica para o artista cômico do que cria. No meu caso pessoal, ela começa com a autocrítica, talvez a única forma eficaz com a qual podemos contar para nos ajudar nesse ofício de lidar com as palavras, para Carlos Drummond de Andrade, a luta mais vã,

No entanto lutamos,  
Mal raia a manhã...



A ojeriza que alguns artistas têm da crítica resulta, pois, a meu ver, dum equívoco. Melhor dizendo, dum excesso de amor próprio que distingue especialmente o medíocre que se deixa guiar pelo umbigo e não pela razão, ignorando assim a grande lição de Rilke, que percebeu que o poema se faz com palavras, não com sentimentos. Como o resultado dum esforço da inteligência, o poema deve mais ao trabalho intelectual do que à inspiração, que tem a sua importância – não o nego --, mas somente num estágio preliminar da criação. O verdadeiro trabalho do artista começa com a reelaboração que Marcel Proust chamou de o “verniz dos mestres”.

Picasso sabia o que estava dizendo quando afirmou que a arte se faz com dez por cento de inspiração e noventa por cento de expiração. É verdade que alguns poemas nascem prontos, ou seja, dispensam o trabalho de reelaboração – a reescritura --, mas trata-se de um fenômeno que, por sua raridade, não pode servir de regra para nenhum artista, especialmente para aquela espécie de artista que busca em tudo a qualidade ou a perfeição, se a queremos chamar assim. Quando afirmou que os livros nascem dos livros, Baudelaire queria dizer-nos que, sob cada frase que escrevemos há toda uma cultura a dar-lhe o suporte necessário para que a obra seja eficaz.

Toda atividade requer uma cultura e uma técnica que lhe são próprias, e, para a sua obtenção, faz-se necessário o processo de aprendizagem, um exercício que requer concentração, paciência e reclusão, três virtudes geralmente ignoradas pelo vaidoso diletante que se compraz na satisfação do próprio ego e não percebe que em tudo, até mesmo na confecção de uma porta, de uma sandália, de um computador ou de uma suculenta feijoada, há uma técnica que não pode ser queimada nem preterida simplesmente pela auto-suficiência vaidosa que domina o medíocre.



*DE DIEGO MORAES*

Você disse que sonhos é como fazer musculação  
Você disse que Vou à Bahia leva crase  
Você disse que queria adotar um cachorrinho e fazer Teatro de  
[Rua em São Paulo  
Você disse que Roberto Piva era o poeta mais lindo do mundo  
Você disse tantas coisas bacanas quando eu tava fudido  
Você disse que eu sairia dessa e levou livros e cigarros quando  
[eu tava internado naquela clínica para drogados  
Você foi minha garota e foi foda ver seu sorriso de mãos dadas  
[com outro cara  
Sempre fico sem jeito com o meu passado  
Nessas horas eu queria ser invisível ou ter asas.

\*\*\*\*\*

O paraíso fica ao lado esquerdo do meu peito, mas você foi  
[expulsa  
quando me trocou por aquele ator viadinho da Praça Roosevelt/  
[cães  
correm destrambelhados quando passo bêbado cantando coisas  
[lindas  
pelas quais me arrependerei.

\*\*\*\*\*



Sem ter para onde ir  
Meu coração embaçou e você limpou o que estava sujo  
Teu abraço apertado me faz ver estrelinhas  
Teus olhos castanhos banhando na vastidão  
Meu amor é guiar este trator na escravidão.

\*\*\*\*\*

Cartas de ex-namoradas viraram sábados  
Parece que as coisas que escrevi quando estava infeliz tornaram-se  
[pássaros mergulhando no chafariz  
Eu sou a solidão da cidade de Manaus.

\*\*\*\*\*

Talvez eu seja o único cara andando a pé do centro a nova  
[cidade  
Recolhendo restos de coisas do século passado e transformando  
[em livros  
Chorando, ouvindo aquela canção do Neil Young da boca de  
[um mendigo.



*Por Raoni Xavier*





## QUE TIPO DE MERDA ACONTECE

*Por Roberto Denser*

GASPAR SE ENFORCOU COM UM CINTO de couro de jacaré da marca SUELDO'S, mas era o tipo de cara que jamais teria cometido suicídio. Quando acharam seu corpo, as duas primeiras coisas que observaram foi que ele havia morrido enquanto se masturbava, e que não aparava os pentelhos já fazia um bom tempo. Evidentemente, ninguém comentou nada sobre isso. A mãe, lutando para segurar as lágrimas, pegou um pano úmido e limpou o esperma seco na coxa do filho, depois lhe vestiu uma cueca limpa, um calção. A irmã, mais nova, quis fazer o serviço, mas a mãe não deixou. Normal, eu também não deixaria. O pai nada disse: nem antes, nem durante, nem depois do enterro. Ficou lá, calado, mergulhado num silêncio tão sólido que poderíamos pesá-lo se quiséssemos. Ninguém quis. A causa mortis ficou como suicídio mesmo, claro, e ninguém pareceu se importar. Gaspar não era católico.

No enterro, dei condolências, senti vergonha pela forma como ele havia sido encontrado, dediquei-lhe um brinde de dry martini e fui para casa fumando cigarros artesanais do oriente — um tipo que deixava minha boca com gosto de merda azeda e romã — e enquanto caminhava, pensava no quanto a vida era irônica. Ora, eu é que era o suicida da turma. Os dedos atrofiados incapazes de dedilhar uma guitarra novamente provavam isso.

Por que não morri quando tentei? Gaspar estava na minha o suficiente para adivinhar quando aconteceria, eis tudo. Chegou no momento certo, preparou torniquetes, chamou a emergência a tempo de livrar minha alma do inferno — como se tivesse treinado a vida inteira para aquela situação — e agora eu estava ali: sem força nos tendões, fazendo um esforço fodido para segurar a droga do cigarro árabe; e ele estava lá: encaixotado entre flores horrorosas e com uma cara de satisfação que beirava o ridículo. Que tipo de defunto era aquele, afinal? O tipo de defunto, bróder, que primeiro morreu a pequena morte, depois a grande, e tudo lhe parece maravilhoso, tudo nos eixos. É o tipo de merda que acontece quando ousamos improvisar, mexer com o que tá quieto ou desconsiderar um conselho materno do tipo não-faça-isso-ou-você-vai-se-dar-mal.

Pouco antes de chegar em casa, naquele dia, encontrei Luana. Cabelo pintado de rosa, maquiagem borrada, lembrava um panda: duas bolas pretas derretidas no rosto extremamente branco.

Ela voou em meus braços e me apertou com força, a cabeça se escondendo em meu peito enquanto as lágrimas molhavam minha jaqueta WWII USA Air Force Bomber, comprada na internet por 89 dólares americanos e a qual não largava em tempos de frio.

— Tudo vai ficar bem — falei. Mas era só o protocolo. Um suicida tentando convencer alguém de que a vida é maravilhosa e não vale a pena sofrer não é o tipo de coisa que faz muito sentido na maioria das vezes, mas naquele momento ninguém além de mim iria se dar conta



disso — Tudo vai ficar bem, Lu.

Ela não respondeu, apenas continuou chorando e perguntou por quê.

— Por que ele foi morrer, porra? Por quê?

Respondi mentalmente que ele morreu porque tentara improvisar, não havia mistério, mas verbalmente repeti que tudo ia ficar bem.

— Vamos, vamos pra minha casa. Te preparo um chá quente e você se deita um pouco. Depois fumamos unzinho, que tal?

Ela continuou sem responder, mas eu sabia que agora o seu silêncio queria dizer sim, pois começamos a andar abraçados em direção à casa de quatro cômodos que divido com um gato angorá chamado Sancho. Lembrei que só tinha chá de hortelã — ela provavelmente não iria se importar — e retirei mais um cigarro de minha cigareira de prata: foi um calvário, e percebendo a dificuldade que eu tinha para mexer os dedos, ela tomou a cigareira, retirou um cigarro, colocou em minha boca, pegou o isqueiro no bolso do meu casaco e o acendeu. Meu orgulho ficou ferido, claro, mas agradei com os olhos, em silêncio, da mesma maneira como ela me agradecia por estar presente.

Voltamos a caminhar e logo chegamos em casa. Sancho não veio nos receber, continuou deitado no sofá como se ninguém houvesse chegado. Luana o expulsou de lá com um tapinha.

— Só tenho chá de hortelã — falei enquanto jogava o casaco no outro sofá e me dirigia para a cozinha. — Espero que não se importe.

— Tem álcool?

Olhei pra ela, mais uma vez em silêncio, encantado com o seu sotaque extremamente urbano, sua voz rouca, depois assenti e abri a geladeira, donde retirei uma garrafa de vodca.

— Você guarda a vodca na geladeira?

— Eu guardo tudo na geladeira, até açúcar, óleo e os livros do Bandeira.

Ela sorriu da minha rima improvisada, um riso forçado, depois viu o quanto eu era desajeitado com copos e garrafas e veio me ajudar. Seu humor parecia ter melhorado, pelo menos um pouco.

— Essa história do Gaspar me deixou fodida... Porra, tá frio! Acho que vai chover.

Peguei a cigareira e a ofereci.

— Fede pra caralho, mas talvez ajude.

Voltamos para sala, liguei o DVD e coloquei uns vídeos dos Beatles. Ficamos calados, sem saber o que dizer um pro outro. Até que, em meio a Hey Jude, ela quebrou o silêncio e perguntou:

— Você o amava?

— Sim. Muito.

— Eu também.

— Por que você não foi ao enterro?



— Os pais dele não gostam de mim. Acham que ele começou a se picar por minha causa. Se eu aparecesse lá, eles provavelmente chamariam a polícia... O engraçado é que foi ele quem me ofereceu essa porcaria pela primeira vez.

Ela arregaçou a manga do casaco e me mostrou os picos ligeiramente inflamados, purulentos. Não pude deixar de sorrir.

— Que bela geração de fodidos nós somos.

— E vodca gelada nesse frio é uma merda.

— Pelo menos combina com os cigarros.

Antes que me desse conta, eu acariciava seus cabelos. Ela não tentou me impedir, mas também não pareceu muito à vontade com isso. Talvez fosse a circunstância, talvez fossem apenas os meus dedos entrevados.

— Você precisa lavar esse rosto — falei. — Não fica muito elegante com a maquiagem borrada.

Ela assentiu.

— O banheiro é ali naquela porta. Tem lenço umedecido lá, talvez ajude.

Ela foi ao banheiro e eu pensei em apertar um baseado, depois lembrei das minhas mãos e mudei de ideia. Estava ali, curvado, encarando os dedos atrofiados e com os olhos lacrimejando quando ela voltou.

— Eu deveria ter escolhido outra forma — falei, mais para mim do que para ela. — Uma que fosse eficaz o suficiente para que o Gaspar não tivesse chegado a tempo, ou pelo menos uma que não me impedisse de estirar o dedo médio pralguem filho da puta como sequela.

Ela não disse nada.

— Mas talvez eu quisesse ser salvo, talvez só estivesse precisando de um pouco de atenção. É o que dizem dos suicidas, afinal — dei de ombros —, não é?

— Você não vivia falando por aí que ia se matar. Pegou todo mundo de surpresa... Quero dizer, todo mundo menos o Gaspar.

Seu rosto estava vermelho e inchado, mas já não havia marcas de maquiagem.

— O Gaspar não dava uma fora, Lu. Não faço a menor ideia de como aquele filho da puta soube, mas...

— É... Sabe o que eu não entendo? Como você consegue. Quero dizer, por que não tentou de novo?

— Não tem muito mistério. Sabe como é: cortei os pulsos e sobrevivi, agora estou cagando, andando e assobiando o hino da bandeira. Chame de apatia, se quiser, mas eu prefiro chamar de magia pura. Minha filosofia desde então tem sido a filosofoda-se.

Ela sorriu e voltamos a ficar em silêncio. Começou a tocar Let it be e chover quase ao mesmo tempo, e então mergulhamos num estado apático de contemplação do nada. Éramos, cada um a seu modo, espécies de sobreviventes; e mesmo essa condição era temporária. Ela provavelmente se picará até o fim — há muito ultrapassara o limite de onde era possível voltar



atrás — e eu acabarei por escolher a mais covarde das possibilidades.

É o tipo de merda que acontece quando não se tem esperanças, quando não se tem motivos para lapidar no rosto um sorriso de plástico colorido e amar o outro tão somente para esquecer a nós mesmos. Quando não se tem nada em que se apoiar. O tipo de merda que acontece quando nos faltam motivos para cultivar a esperança vã de dias tranquilos.

— Tem dias que só Beatles salva — ela falou de repente e, silenciosamente, lhe cobri com meu abraço.

— É, Lu, é exatamente assim: tem dias que só Beatles salva.



*DE GOCIANTE PATISA*

**1. Do livro de estreia *Consulado do Vazio*  
*África mãe Zungueira***

Esta que se aproxima  
carrega uma criança às costas  
e outra no ventre  
uma nuvem húmida rasga-lhe a blusa  
lembrando que é hora de parar e amamentar  
e lá vai ela seguindo o itinerário que a barriga traçar  
gestora de um ovário condenado a não parar  
porque é património social  
penhora o útero na luta contra a taxa de mortalidade

Conhece bem demais a cidade  
não tanto pelos monumentos  
mas pela necessidade  
viandante como a borboleta  
fez-se fiel e histórica amante  
da lei da compra e venda de porta à porta  
uma lei entretanto não prevista por lei  
“depende só do marido? Nunca”  
mal acordou a urbe já peleja aliciando clientes  
no estômago só o funji do jantar de ontem  
sem tempo sequer para escovar os dentes

Lá vai mais uma dobrando a esquina  
de pregão firme como a voz do tambor  
humilhada aos poucos pelo sol  
nos mapas de salitre da poeira que adormeceu no suor

Forte por fora muitas vezes vulnerável no íntimo  
veja esta nos olhos encarnados grita despercebida  
uma mulher mal amada



nunca descoberta  
rainha de etapas queimadas  
ele que devia ser companheiro  
é de se esconder no copo  
quando os ventos são ásperos  
autêntico chá em taças de champanhe  
não estar disposta para mais um suor sagrado  
é para ele frontal apelo à violência  
habituada a levar da cara  
odeia a sinceridade do espelho

Por aqui passou mais uma profissional da zunga  
protagonista anónima com mil mestrados da vida  
contudo não contada na segurança social  
para o turista uma espécie de paisagem  
rosto de uma noite que lançou a mulher  
às avenidas dialécticas dos centros urbanos  
no seu dever de sustentar a sociedade  
a mesma que a condenará antes de amanhecer  
por não participar da vida política  
ou por não saber ler  
nem escrever



**2. Da primeira experiência internacional através da III  
Antologia de Poetas Lusófonos, Folheto Edições e De-  
sign, Leiria - Portugal, 2010**

**Na teoria do resultado**

O reencontro  
mesmo com a prisão

molha  
na largura dos olhos  
o barro p'ro novo sol

Não tem pernas o tempo

seriam longas  
ou curtas  
demais  
...  
Gociante Patissa  
(pág. 137)

**Monte-Belo**

Chuva  
na cor do vento  
Verde  
nas intenções do tempo  
Dança  
nos provérbios do luar  
Ambivalências  
de um eterno menino daqui



### 3. Do poemário Guardanapo de Papel , no prelo

#### Sem vida no pé

*... e as sentenças correram seu caminho*

ao asfalto cedeu  
esse campo não é o seu  
sem vida no pé  
conserva olhos de lição  
milho, chuva e café

Todos os dias, todo o dia  
passos escassos  
quase nulos  
clemente  
vai com as formigas dançar  
pelos caminhos da obra  
eis o brotar de fecundas veredas  
que importa se sem vida no pé?



## Guardanapo de papel

Já cansado  
o velho bar  
fecha-se ao pó  
fértil  
da esquina  
qual navio atracado  
para nova largada.

Do mar de verão  
vem pujante a brisa  
traçando cordão  
na esquina  
monumental  
do cine.

Estátua e gente  
parece tudo de madeira  
pela porta entreaberta  
vê-se que algo voa  
bem rente  
mas ninguém vai dizer  
se é saia  
ou guardanapo de papel.

---

**GOCIANTE PATISSA** (ANGOLA). Tem licenciatura em Linguística, especialidade de Inglês, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Katyavala Bwila (ex-Agostinho Neto). É membro efectivo da União dos Escritores Angolanos. Publicou os seguintes livros: *Consulado do Vazio* (poesia), KAT - Consultoria e empreendimentos, Benguela, Angola, 2008, *A Última Ouvinte* (contos), União dos Escritores Angolanos, Luanda, Angola, 2010 e *Guardanapo de Papel* (inédito, poesia com edição em curso pela NósSomos, Lisboa, Portugal)



## MEMÓRIAS DO SUBSOLO: O ROMANTISMO EM DOSTOIÉVSKI

*Por Manoel Carlos Fonseca de Alencar*

### Introdução

Memórias do Subsolo é uma das novelas mais controvertidas de Dostoiévski. Devido o seu conteúdo filosófico denso e a riqueza psicológica de seu personagem, ela gerou farta crítica, sendo apontada como uma precursora do Existencialismo. A narrativa de um personagem solitário, alienado da sociedade, imerso em uma atmosfera de tensões e ambigüidades morais e éticas, carregada um forte questionamento à sociedade civilizada ocidental.

Pretende-se com esse ensaio analisar os pontos centrais da crítica de Dostoiévski à sociedade de seu tempo, encarnada no que o autor chama de “homem de inteligência do século XIX”. Postula-se também a vinculação dessa novela com o pensamento romântico desse século, considerando que foi uma das vertentes críticas mais promissoras em sua negação ao racionalismo progressista da sociedade moderna.

### Romantismo e civilização

Michael Löwy e Robert Sayre afirmam que o Romantismo representa uma visão de mundo cuja principal característica é a contraposição à modernidade. Apesar de manifestar-se de formas ideológicas diversas, englobando tendências progressistas, conservadoras e revolucionárias, o posicionamento crítico diante das transformações sociais advindas com capitalismo é o ponto em comum na identificação de uma visão romântica do mundo. Segundo os autores:

(...) o Romantismo representa uma crítica à modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Podemos dizer que desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da revolta e do sol negro da melancolia (Nerval). (LÖWY e SAYRE, 1995, p.34)

Por se encontrar num presente que destoa em tudo dos valores que acha essenciais no ser humano, o artista romântico rebela-se, evadindo-se muitas vezes em um passado edênico ou num futuro utópico. Esse estado de deslocamento do mundo presente é a causa da melancolia romântica.

Löwy e Sayre apontam quatro características da modernidade que para os românticos parecem insuportáveis: o desencantamento do mundo, a quantificação do mundo, a mecanização do mundo, a abstração racionalista e a dissolução dos vínculos sociais.

Em muitos aspectos a obra de Dostoiévski apresenta-se como marcadamente romântica. Em suas Notas de inverno sobre impressões de verão, em que expõe abertamente seus posicionamentos sobre a civilização ocidental moderna, o autor deixa transparecer a força de sua



anteposição ao que considerava degradante e nefasto nessa sociedade. Esse mundo moderno o autor contrasta com um pré-capitalista, rural, fraterno, transparente, em que os vínculos sociais ainda não haviam sido dissolvidos.

Nas Memórias do Subsolo encontram-se condensados todos esses elementos como fundamentos da crítica do personagem principal. Ele representa um homem que carrega todas as deformidades do meio em que se desenvolveu. É a representação do indivíduo moderno, cindido, fissurado, que perdeu a sua inteireza e transparência com o desenvolvimento dos valores da sociedade moderna.

O racionalismo é o principal alvo da crítica das Memórias. O excesso de consciência da sociedade moderna destruiu o que há de espontâneo e verdadeiro no homem. O sentimento foi suprimido pela razão e o amor perdeu-se em meio ao pragmatismo calculista desses tempos argentários.

Nesse sentido, percebe-se que o ponto central da crítica de Dostoiévski é contra a civilização, ou, em outros termos, a sociedade moderna e as suas formas de sociabilidade. A afetação, a hipocrisia, o esnobismo, a falsidade, o apego a valores superficiais, argentários, se constituem como as características mais marcantes da sociedade de São Petersburgo.

Dostoiévski faz especial referência ao seguinte trecho das Confissões: “Quero mostrar a meus semelhantes um homem de toda a verdade da natureza. Esse homem sou eu”. Encontramos aí a síntese da recusa Rousseauiana a sociedade de seu tempo, ou pelo menos, como esta se afigurava em sua forma civilizada e aristocrática. Uma sociedade que se funda e se reproduz pela supressão do sujeito a uma ordem baseada numa Vontade Geral. Certamente nessa sociedade não há lugar para homem natural, que Rousseau encontrou no Bom Selvagem. É essa distância social e temporal, esse afastamento, e o refúgio num tempo e num espaço social inalcançáveis, que constituem os fundamentos de uma vertente do Romantismo que floresceu ao longo de todo século XIX e alhures. Esse Romantismo que se colocava na esteira contrária ao otimismo progressista e positivo civilização moderna e se fundamentava na negação da sociedade presente em seu desenho de uma “mise en scène”, de um teatro opressor e moldado nas aparências.

A recusa deliberada do personagem narrador em integra-se à sociedade contemporânea é o que constitui o Romantismo do escritor. Mas qual Romantismo? Certamente não o Romantismo bacharelesco e burguês de seus contemporâneos, como bem argumenta o personagem narrador. Nesse sentido, Dostoiévski procurava distinguir-se dos reformadores sociais de seu tempo, pois acreditava que os valores morais perdidos com a modernidade não podem ser forjados artificialmente. Os interlocutores do personagem narrador são exatamente os intelectuais russos que pousavam de românticos e reformadores sociais (FRANK, 2008). Ele quer se diferenciar destes que foram integrados pela sociedade burguesa, tornando sua crítica um roupage, um adereço, e que se vergavam diante de uma posição ou de um agrado. Ele, portanto, é um romântico mais radical e autêntico dos que estão em seu redor.

Por ter renunciado a todos os vínculos sociais com a sociedade, o personagem das Me-



mórias é capaz de enxergá-la com mais nitidez, de levar sua crítica às últimas conseqüências e de revelar aquilo que muitos, fantasiados com seus projetos reformadores, ou integrados a sociedade burguesa, não foram capazes de revelar.

### **Memórias do Subsolo: a doença da sociedade moderna**

A recusa de participar da sociedade de sua época e o posicionamento crítico diante de tudo o que diz respeito à civilização é um traço característico do personagem narrador de *Memórias do Subsolo*. Ele conforma um perfil, quase um tipo, que Dostoievski identificou como o “homem instruído do século XIX”. Contudo, o fato de não possuir um nome, de não se manifestar de forma racional e sensata, indica, talvez, que representa mais de que uma pessoa, um ser humano, mas uma força, uma energia, uma libido, uma vontade de irromper-se do subsolo, do fundo escuro e inominável, e espraia-se em liberdade, verdade e transparência. Tal desejo de emergir é impossibilitado por uma barreira, um muro, que para o personagem é a moral da sociedade que o circunda.

O personagem corta voluntariamente todos os laços que o prende à sociedade. Essa condição permite-lhe dialogar com seus leitores imaginários, aos quais se dirige ao longo de toda narrativa, abertamente. Como afirma:

Existem nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio, e, em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas no gênero. E acontece até o seguinte: quanto mais honesto é o homem, mais coisas assim ele possui. Pelo menos, eu mesmo só recentemente me decidi a lembrar as minhas aventuras passadas, e, até hoje, sempre as contornei com alguma inquietação. Mas agora, que não apenas lembro, mas até mesmo resolvi anotar, agora quero justamente verificar: é possível ser absolutamente franco, pelo menos consigo mesmo, e não temer a verdade integral? (p. 53)

Esse é o recurso narrativo construído pelo personagem para revelar aos seus leitores verdades inconfessáveis, para dizer aquilo é difícil dizer a si mesmo, quanto mais a outrem. Por considerar que a vida acaba na sua idade, quarenta anos, e ser destituído de compromissos sociais – pois vive de uma herança –, ele se coloca numa posição privilegiada, mas não confortável. Foram os anos de ressentimentos silenciados, ruminados no subsolo, desenvolvidos como uma doença, que o narrador quis externalizar.

Pelo menos em *Memórias do Subsolo* não parece haver nenhuma redenção para a sociedade moderna. Suas relações sociais e, sobretudo, a moral que a fundamenta, trazem como conseqüência um mal-estar, um desconforto insolúvel, a força de uma carga repressora e dissolvente que conduziu o personagem protagonista a um estado de letargia e impotência – de uma introversão degenerativa. Faz lembrar-nos a palavras de William Blake: “Aquele que



pensa e não age engendra a peste”.

Remordia-me então em segredo, dilacerava-me, rasgava-me e sugava-me, até que o amargor se transformasse, finalmente, em certa doçura vil, maldita e, depois, num prazer sério, decisivo! Sim, num prazer, num prazer! Insisto nisso. Se abordei o assunto, foi porque desejo insistentemente saber ao certo o seguinte: terão outras pessoas semelhantes prazeres? Vou explicar-vos: o prazer provinha justamente da consciência demasiado viva que eu tinha da minha própria degradação; vinha da sensação que experimentava de ter chegado ao derradeiro limite; de sentir que, embora isso seja ruim, não pode ser de outro modo; de que não há outra saída; de que a pessoa nunca mais será diferente, pois, ainda que nos sobrasse tempo e fé para isto, certamente não teríamos vontade de fazê-lo e, mesmo se quiséssemos, nada faríamos neste sentido, mesmo porque em que nos transformaríamos? (p. 20)

O personagem não encontra uma saída. Devido a sua consciência hipertrofiada, como afirma, ele não se enquadra, ele recusa-se a compor o jogral dos que aceitam ou desconhecem esse jogo perverso e doentio, cujas regras e normas são pré-definidas e impostas. E o que é mais sintomático: essas normas são tidas como irrevogáveis.

É essa compreensão profunda das conseqüências do processo civilizador que leva o personagem a isolar-se, ou submergir no subsolo. Mas tal submersão não se dá de forma sadia, ela causa danos morais irreversíveis que o leva a admitir-se como um doente. Uma doença sem cura. Um mal que não está só em si, mas em toda a sociedade. Nas palavras personagem:

Aliás, que digo? Todos fazem isto; é justamente das doenças que se vangloriam, e eu talvez mais que ninguém. Não discutamos; a minha objeção é absurda. Apesar de tudo, estou firmemente convencido de que não só uma dose muito grande de consciência, mas qualquer consciência é uma doença. Insisto nisso. (p. 19)

A consciência é o alvo da crítica do narrador. O homem moderno desaprendeu a “vida viva” e passou a racionalizar todos os aspectos da sua existência. Ele não consegue ser bom naturalmente. É a consciência da bondade que é mais importante. Ele não consegue amar, mas apenas ter a consciência do amor. Existe, portanto, no homem moderno uma cisão: ele é simultaneamente um ser e a consciência do ser. Mas essa consciência tem a consciência da própria consciência. Uma cadeia que se reproduz infinitamente, levando o homem a um relativismo extasiante. Segundo o narrador, “uma intencional transferência do oco para o vazio” (p.30)

Para começar a agir, é preciso, de antemão, estar de todo tranqüilo, não conservando quaisquer dúvidas. E como é que eu, por exemplo, me tranqüilizarei? Onde estão as minhas causas primeiras, em que me apoie? Onde estão os fundamentos? Onde irei buscá-los? Faço exercício mental e, por conseguinte, em mim, cada causa primeira arrasta imediatamente atrás de si outra, ainda anterior, e assim por diante, até o infinito. Tal é, de fato, a essência de toda consciência, do próprio ato de pensar. (p.29)

O personagem é a representação do paroxismo da “doença” que chegou “o homem



de inteligência do século XIX”. Por ter uma consciência hipertrofiada, ele não apenas é um doente, mas é plenamente lúcido de seu desvio moral doentio. Mas a plena consciência de sua torpeza não o leva a uma ação. Ou melhor, sua revolta, ao invés de expandir e extravasar internaliza-se, desenvolvendo-se como um cancro, um tumor que aos poucos lhe tira a vida, a capacidade de ação na sociedade.

Contudo, prefere a doença decorrente de uma consciência hipertrofiada do que a ignorância dos que chama de “homens de ação”. Estes agem mecanicamente, acreditando plenamente na legitimidade dos seus atos. Ele, pelo contrário, não é levado inconscientemente pelo que imagina ser justo e verdadeiro ou “belo e sublime”.

Sei que talvez ficareis zangados comigo e talvez gritareis, batendo os pés: “fale de si mesmo e das suas misérias do subsolo, mas não se atreva a dizer ‘todos nós’”. Mas com licença, meus senhores, eu não me estou justificando com esse todos. E, no que se refere a mim, apenas levei ao extremo, em minha vida, aquilo que não ousaste levar até a metade sequer, e ainda tomaste a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolaste, enganando-vos a vós mesmos. (p. 146)

Entende-se, portanto, anteposição entre o homem de ação e o homem de consciência. Aquele por manter-se ignorante da degradação moral da civilização é capaz de agir automaticamente. Levado pela certeza e nitidez do significado de justiça, esse homem é capaz de agir; e tal ação causa-lhe consolo e livra-o da culpa. O homem de consciência é inconsolável. Os dois são representações do homem moderno.

O homem de consciência padece da doença, de uma cisão, de uma fissura, que o torna uma personalidade que se aproxima da esquizofrenia. É um ser dividido, multiplicado em diversos seres, em diversas consciências conflitantes e irreconciliáveis. Esse descolamento entre o ser e a consciência, presentes na construção estética de muitos personagens de Dostoievski – o homem do subsolo é um apenas um deles – constitui sua crítica a sociedade moderna.

Contudo, Dostoievski conduz a uma simpatia ao homem do subsolo. Ele encarna a possibilidade de uma crítica anárquica à sociedade moderna. Ao contrário do homem de ação, ele não traz a burrice, a crença cega, tola e otimista na possibilidade de a ciência, do pensamento racional e progressista, criar um mundo planejado e ideal. Ao invés disso, para o homem de consciência hipertrofiada é preferível a liberdade, o desejo irrefreável e egoísta. A civilização traz, inevitavelmente, esse desconforto, esse mal-estar. Diante disso, melhor ser um cético iconoclasta solitário e doentio, do que um conformista, enquadrado e atoleimado, um otimista cego, um entusiasta do desenvolvimento da ciência e do progresso da humanidade.

### **Considerações finais**

É exatamente esse ceticismo presente nas Memórias que a torna uma das obras mais radicais de Dostoiévski. Escrita logo após os seus anos de prisão e exílio, a novela traz a marca



de uma desilusão absoluta com a sociedade de São Petersburgo. Se for possível perceber uma intensificação de uma solução cristã na regeneração da sociedade, como apontadas em escritos posteriores, aqui, se existe, ela é tangencial. Nos momentos finais da novela a personagem Liza se apresenta como uma redenção ao personagem narrador. Ela, em sua simplicidade e ingenuidade, mesmo sendo uma prostituta, mostra-se superior ao homem do subsolo.

Desta forma, essa seria uma possibilidade de sua redenção pelo amor e pela transparência de sentimentos autênticos e verdadeiros. Mas ele recusa essa solução, pois se acredita incapaz liberta-se da intrincada teia que o amordaçou no fundo escuro do subsolo. Essa teia é a consciência ou o excesso de racionalização que padece a sociedade moderna.

Para Dostoiévski, o homem com o advento do mundo burguês perdeu a sua inteireza, a integridade do seu ser, e esfacelou-se, alienando-se de si e da natureza. Esse mundo existiu em um mundo pré-capitalista, em que as relações eram diretas e transparentes. A desilusão quanto ao retorno desse mundo perdido no passado e a descrença na possibilidade de construir esse mundo através de reformas sociais, resultantes da consciência humana, constituem o cerne da crítica do autor ao mundo moderno. Na negação do tempo presente, nesse refúgio em um tempo irrevogável, encontra-se a marca do romantismo do escritor.

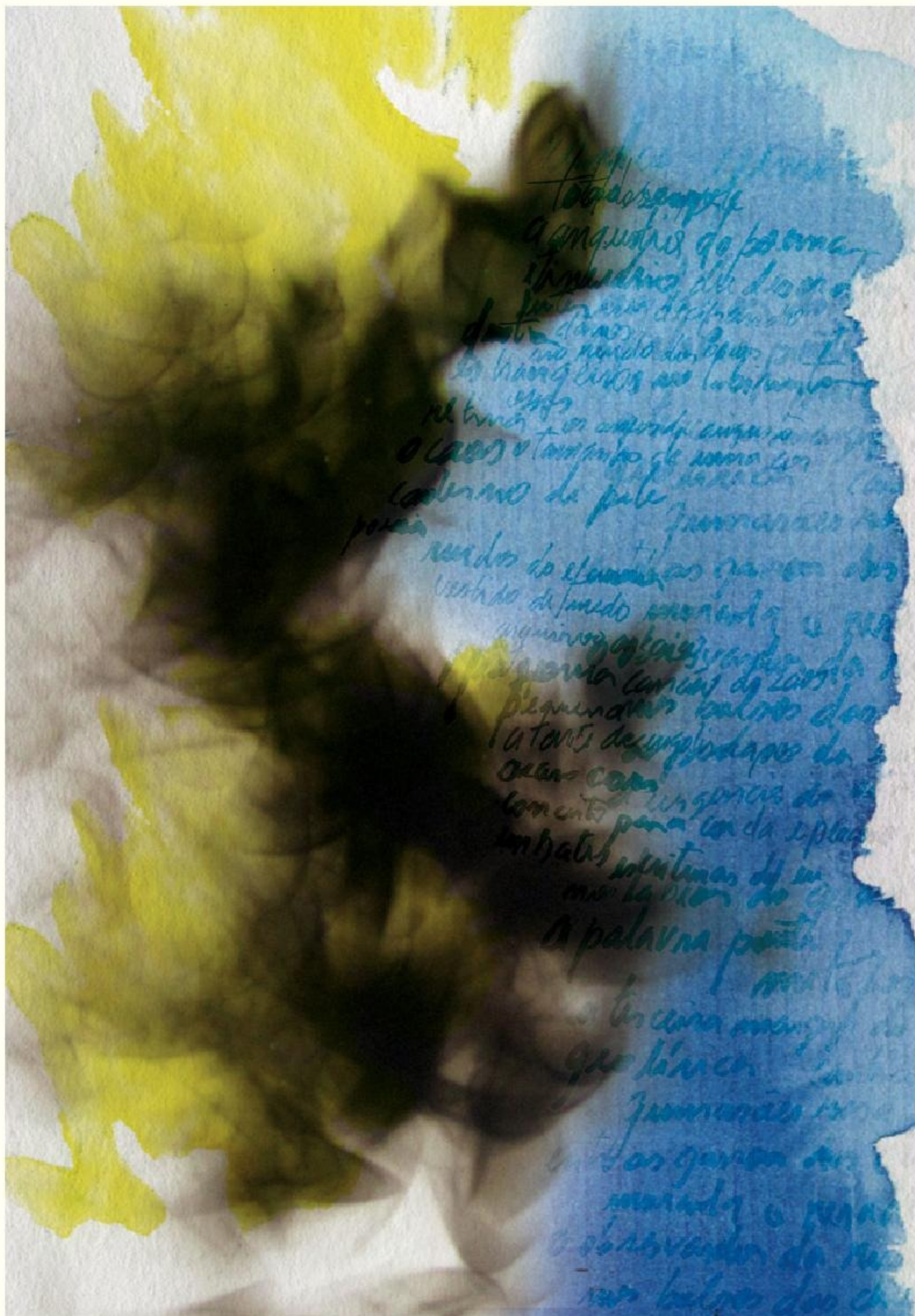
## Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010.
- BERMAN, Marshall. Petersburgo. “O modernismo do subdesenvolvimento”. In: BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Memórias do Subsolo. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão. 3ª Ed. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Duas narrativas fantásticas: A dócil e Sonho de um homem ridículo. 2ª Ed. Vadim Nikitin. São Paulo: Ed. 34, 2009
- FRANK, Joseph. “Memórias do Subterrâneo”. In: Dostoiévski: Os anos de provação, 1850-1859. 2ª ed. Trad. Vera Pereira. São Paulo, EDUSP, 2008. p. 427 – 474.
- LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. “Notas do subterrâneo”. In: TODOROV, Tzvetan. Os gêneros do discurso. São Paulo: Edições 70, 1978.

**MANOEL CARLOS FONSECA DE ALENCAR (CEARÁ)** – Poeta, contista e historiador. É editor da revista Pindaíba e publicou os cordéis Duas Estórias de Encantamento, Duas Estórias de Desencantamento e o Livreto 69. Organizou, junto com Nuno Gonçalves e André Dias, o livro de contos Encontros e Desencontros. Também contribuiu com a parte histórica do HQ Conversa de Rei, de André Dias. Tem poemas publicados na Revista Corsário, no blog Americalatino, na coletânea de poemas cearenses MassaNova e no livro Cravo Roxo do Diabo: o conto fantástico no Ceará. É professor da UECE e cursa atualmente o Doutorado em História na UFMG.



Por Flaw Mendes



**Flaw Mendes** (PB). Artista visual e editor da Blecaute. Imagem intitulada *Poeticaos*, inspirada e grafada com as poesias do livro *Acaso Caos*, 2012, de Bruno Gaudêncio



## NÃO HÁ OUTRO JEITO... FELIZMENTE.



*Por Reynaldo Bessa*

“Devo escrever quantas palavras por dia? Tenho que escrever todo dia? Tenho que ler tudo?” Estas são algumas das perguntas mais frequentes em minhas Oficinas de Escrita Criativa que ministro em diversas Bibliotecas de São Paulo. Bom, César Aira, um escritor argentino, diz que escrevendo quinze minutos – nem mais, nem menos – todos os dias, em três meses o escritor terá o seu livro. Saramago não passava de duas páginas por dia. Todos os dias. Balzac escrevia o máximo de palavras na maior velocidade possível. Todos os dias – os credores estavam sempre em seu pé – precisava correr. Cada escritor com sua mania. E quanto mais manias, melhor. Raimundo Carrero diz que “de escritor bonzinho não sai Romance bom”. O que posso dizer é que escrevo todos os dias, e... – “Ah, prof. isso é muito chato... não? Todos os dias? Parece escravidão”. Ela – lânguida e linda, com suas tranças de ouro – interrompe-me. Eu – docemente cruel – digo-lhe: “se pensa assim, “Rapunzel”, nem comece a escrever”. Escrever é antes de tudo prazer. O resto é bobagem de quem ainda não entendeu a coisa. Escrevo sim, todos os dias... Que seja uma ou duas frases, um parágrafo, três páginas, não importa, escrevo. Jogo a maior parte fora, é certo, mas se sobrar àquela frase, aquela ideia, aquele tema, aquele personagem, já valeu. Ler tudo? Ora, “tudo” é exagero, não? Há livros demais e tempo de menos. Além do que a maior parte dos livros é descartável. Na verdade nem deveria ter sido escrita. Não fede nem cheira. O bom livro nunca termina. O livro ruim nunca começa. Ler “tudo” é relativo. “Tudo” o quê? Crie sua própria rota. Comece por um grande autor, por um grande livro. Um autor de primeira grandeza jamais indicará um de quinta. Seja um viajante literário. Desembarque na Irlanda e depois compre passagem para a Rússia e vice-versa, lá e cá, depois siga viagem. Foi lendo Philip Roth que cheguei até Saul Bellow e este me jogou nas mãos de outros “malucos”. E fui, e continuei indo e ainda estou na estrada, e penso que morri nela. Leia os clássicos. Por quê? Porque é sabido que é melhor do que não lê-los. E porque boa parte de toda a Literatura está povoada de muitos deles. Leia-os também para saber o que já foi genialmente escrito pra depois não achar que tá escrevendo algo novo. Leia. Um livro fechado é um livro morto. Um grito amordaçado. A leitura traz a intimidade com a língua, a efervescência das ideias, a fluência da escrita.

Quando a sala parece estar fazendo parte daquilo que estou falando e, “Rapunzel” – mordendo a tampa da caneta, e rodopiando uma de suas tranças de ouro entre dois dedinhos feiços – parece perdida em mundos labirínticos, aproveito e pergunto-lhes: estou mesmo falando com escritores? Então sentem e escrevam. Querem mesmo escrever um livro? Então sentem e escrevam. Escritor que fica esperando as contas serem pagas, os filhos terminarem a faculdade, o pai ou a mãe morrer, o tio sair do hospital, terminar a reforma da casa, a viagem a Paris (que há muito tempo já não é mais uma festa), o grande amor da vida, a alma gêmea – na verdade



a alma geme -, uma grande história, ou até mesmo a inspiração, nunca escreverá o seu livro. Sente e escreva. Sinta e escreva. Se não o fizer, todas as páginas, capítulos, parágrafos, personagens, lugares, ações, espaços, cenários, diálogos, e tudo mais ficarão boiando em sua cabeça até que os vermes escreverão por você. Não tem saída. Escrevam. Mantenham a imaginação solta, mas tentem criar uma disciplina. (vivemos o momento em que o escritor quer autografar o seu livro sem nem ainda tê-lo escrito?). John Le Carré disse que “depois de escrever por mais de cinquenta anos, sabia exatamente os instrumentos de sua orquestra, e que podia ir muito mais rápido, chegar muito mais direto ao personagem”. Escrevam. Criem o seu ambiente, o seu lugar de escritor. Claro que parágrafos, personagens, temas, trechos me pegam no metrô, no ônibus, no trânsito, em qualquer lugar... E principalmente sob o chuveiro, exatamente no momento em que me encontro com a cabeça tomada de espuma. Mas aí já estou escrevendo, e depois, no meu lugarzinho, na minha “Casamata”, passo para o computador. Neste, escrevo “tudo” que foi concebido antes... E o que eu achava que era aquilo, virou isso, isto e aquilo outro. Aí é que tá o grande barato. Jogo tudo no papel como numa cuspidinha, num jorro. Deixo o Word vermelhinho de vergonha. Não julgo, não volto, não reviso, não paro, sigo sem olhar pra trás. O importante pra mim nesse momento é a coisa que quer sair, o miolo do pão, a Madeleine, o cheiro da mochila do antropólogo e filósofo francês apaixonado por São Paulo. Depois, aparentemente satisfeito, viro as costas para o texto como um homem que é louco por uma mulher, mas que espera que ela o implore para ficar. Viro as costas e me vou. Vou pagar minhas contas, tomar o meu vinho, fumar minhas cigarrilhas, fazer amor, conversar com os amigos. Vou chafurdar em outro lugar. Vez em quando penso no texto. Até que num dado momento resolvo encarar-lo. Faço um café, e com o martelo e cinzel do escritor, enfim, dedico-me à peça. Lá está ela. Sufocada, pedindo pra existir. Está cheia de arestas. E aí vou cortando ali, cortando acolá, raspando acolá, quebrando ali. Ainda terei que lixá-la. Talvez cortar um pouco mais e mais. Depois leio diversas vezes. Corto mais um pouco. Releio. Corto de novo. Até que sinto que ele quer que eu me retire, que o abandone. Até que percebo que ele já não mais depende de mim. Até que começo a ter a impressão de que o texto não é mais meu. Está acabado? É o momento. É o fim pra começar o começo. Ufa! Esse é o meu jeito. É assim que sei e gosto de fazer. Essa é minha Escrita: uma delícia doída, doída.

Digo-lhes ainda: achem seu próprio método, seu jeito. Descubram como e onde gostam de escrever. Geralmente um método de um determinado escritor não casa com o método de outro. Mais ou menos como tentar vestir a luva da mão esquerda na mão direita. Assim ou assado, não importa, mas uma coisa é certa, terá que escrever. E só você poderá fazer isso. É como ir ao banheiro. Não dá pra mandar outro em seu lugar. Fuça, pesquise, pergunte, leia, leia.. Escreva. Na ausência de lápis e papel, Sade escreveu em seu próprio corpo, com seu próprio sangue. - tá, é radical, não precisa tanto, mas é por aí - Hemingway apesar de todo conforto escrevia em pé. Bukowski escrevia tomando umas, ouvindo Mozart e fumando sem parar. Depois saía pra dar alguns socos em alguém... hehehe. É isso. De novo e de novo, escreva, escreva.



Mas saiba também: nem só de tinta de impressão vive o homem. Viva, viaje, ame, faça amor... Um cirurgião não sai por aí o dia todo cortando todo mundo com o bisturi. Viver também ajuda a limpar os óculos da sua visão de mundo. Enriqueça-a fazendo outras coisas.

Gilbert K. Chesterton afirma que (...) todo o pensamento que não se torna palavra é um mau pensamento, toda palavra que não se torna ato é uma palavra ruim, todo o ato que não dá fruto é uma ação má (...). Há quem discorde, mas cabe muito bem aqui. Então, escreva e escreva, todos os dias, não há outro jeito. Felizmente.

“Rapunzel” dá um sorriso iluminado, mira o papel, espera alguns segundos, e muito animada põe-se a escrever.



**DE POEMAS DE JORGE CAMPERO**  
(para a REVISTA BLECAUTE)

*seleção de poemas e tradução por Vamberto Spinelli Jr*

**Poema lagarto para una mujer madura**

Quiero la soledad de una mujer de 30 años  
inhibida  
sin hijos  
una cáscara de plátano  
abandonada en la vía pública  
con patas de gallo  
estrías en la barriga  
el sabor de los otros  
que han saltado el lagarto sediento de su cuerpo  
para esperarla parado  
monstruosamente deformado  
en el afán inútil de querer ser alguien  
real  
saber que existe de la manera  
como compra cosas para rodear su soledad  
y sudar poemas estúpidamente ilusos  
en este miedo  
y decirle al oído  
que estamos parados ante la puerta de la historia

*de Árbol Eventual (1983)*



### Poema lagarto para uma mulher madura

Quero a solidão de uma mulher de 30 anos  
inibida  
sem filhos  
uma casca de banana  
abandonada em via pública  
com pés de galinha  
estrias na barriga  
e o gosto dos outros  
que se lançaram sobre o lagarto sedento do seu corpo  
para aguardá-la de pé  
monstruosamente deformado  
no afã inútil de querer ser alguém  
real  
saber que existe da maneira  
como compra coisas para rodear sua solidão  
e suar poemas estupidamente ingênuos  
neste medo  
e dizê-la ao ouvido  
que estamos parados ante a porta da história



## Exemplo de bello domingo

Dos seres  
de la oscurana  
palladores  
en las horas  
solitarias  
Usados  
Envejecidos  
Están sentados  
a la mesa  
La hora del desabrido  
almuerzo  
de la pensión familiar

Tras de los platos  
esperan mañana  
que será domingo  
con su arrope  
de magia espesa

Domingo de reventados  
Con familia que zumba  
domingo vacío  
con hijos el domingo  
de divorciados  
El domingo de viejo perro  
ovejero  
El domingo de jubilado  
el domingo de franco  
de la realidad  
de recordar cariñosamente  
a los gatos y los muertos  
de mirar las callejas

y pasear con la pretendida  
del ayer  
El domingo de voltereta



con biógrafo  
el de mejor vestir  
El domingo el domingo  
el domingo el domingo  
de plazas con fotógrafos  
El domingo  
el domingo  
el domingo  
el domingo  
de los heridos de guerra

*de Sumarium Comun sobre Vivos (1985)*



## Exemplo de belo domingo

Dois seres  
da obscuridade  
escavadores de metais preciosos  
nas horas  
solitárias  
Usados  
Envelhecidos  
Estão sentados  
à mesa  
A hora do insosso  
almoço  
da pensão familiar

Depois dos pratos  
esperam amanhã  
que será domingo  
com seu doce  
de magia espessa

Domingo de rebentados  
com família zumbindo  
domingo vazio  
com filhos o domingo  
de divorciados  
O domingo de velho cão  
pastor de ovelhas  
O domingo de aposentado  
o domingo livre  
da realidade  
de recordar com carinho  
os gatos e os mortos  
de mirar as ruas estreitas

e passear com a pretendida  
do passado  
O domingo de piruetas



com o biógrafo  
o de melhor vestir  
O domingo o domingo  
O domingo o domingo  
de praças com fotógrafos  
O domingo  
o domingo  
o domingo  
o domingo  
dos feridos de guerra



### Poema de amor para la república

Quisiera fueras la muchacha dura/  
de seis brazos/ en cada palma espongas  
a la luz fría lunar/ un corazón de piedra/  
y llores por las ciudades que enterramos/  
por los hijos que tuvimos y perdimos  
en las guerras y recordamos cruciales  
en las cívicas horas/ patria preñada de  
solalita/ tierra de los otros/ pétrea madrastra  
de nosotros/ exquisita de pecho de bronce/  
tu vida limita con descorazonamiento  
del ganado en pie/ ornamento desnudo  
de una fuente municipal/ asnos gordos  
alimentados con el erario nacional/ recitan  
tu extensión y tus estertores/ caderas de  
trescientos caballos de fuerza/ embarazada de  
todas las guerras/ camino de descarrío/ tu salario  
es un real de cobre/ de tres caras/ entregadas a un civil  
o a uno de la sección de hierro/ Octava república  
en la otra vida serás mía

*de Corazón Ardiente (2001)*



### Poema de amor para a república

Gostaria que fosses a muchacha<sup>1</sup> dura/  
de seis braços/ e que em cada palma expusesses  
à luz fria lunar/ um coração de pedra/  
e chorasses pelas cidades que soterramos/  
pelos filhos que tivemos e que perdemos  
em guerras e que recordamos cruciais  
nas cívicas horas/ pátria grávida de  
solalita<sup>2</sup>/ terra dos outros/ pétrea madrasta  
da gente/ apetitosa de peito de bronze/  
tua vida se limita com a desolação  
do gado de pé/ com o ornamento sem roupa  
de uma fonte municipal/ asnos gordos  
alimentados com o erário nacional/ recitam  
tua extensão e teus estertores/ cadeiras de  
trezentos cavalos de força/ constrangida de  
todas as guerras/ caminho à perdição/ teu salário  
é uma moeda de cobre/ de três caras/ entregue a um civil  
ou a alguém da sección de hierro<sup>3</sup>/ Oitava república  
na outra vida serás minha/

<sup>1</sup> muchacha = o mesmo que garota.

<sup>2</sup> solalita = pedra preciosa encontrada na Bolívia.

<sup>3</sup> sección de hierro = provavelmente uma referência a um famoso destacamento militar do exército boliviano durante a Guerra do Chaco.



Ojo de tigre

Calor adentro / El hálito de un dios ebrio

Una iguana cruza por mi ojo de tigre

Calor / Todo inmóvil / La triste mirada de las tortugas / Derramada sobre la vidriosa arena

Sol / Sobre los árboles / La sed / Cantan agua agua las charatas / Silencio

*Apareceu no nº 88 da Revista Ñ, do Jornal Clarín*



Olho de tigre

Calor adentro / O hálito de um deus ébrio

Uma iguana cruza pelo meu olho de tigre

Calor / Tudo imóvel / A triste mirada das tartarugas/ Derramada sobre a  
vítrea areia

Sol / Sobre as árvores / A sede / Cantam água água as charatas<sup>1</sup> / Silêncio

<sup>1</sup> charata: espécie de ave encontrada na Argentina e na Bolívia.

**JORGE CAMPERO** (Tarija, Bolívia, 1953):É um dos mais significativos poetas bolivianos contemporâneos. Publicou *Promiscuas* (1976), *A Boca de Jarro* (1979), *Árbol Eventual* (1983), *Sumarium Común sobre Vivos* (1985), *Corazón Ardiente* (2001), *Musa en Jeans Descolorido* (2001) e *Jaguar Azul* (2009). Além da antologia pessoal *Tleriberta: sinceramente tuyo* (2011). Foi ganhador por duas vezes do importante Prêmio Nacional de Poesia Yolanda Bedregal com seus livros *Musa en Jeans Descolorido* e *Jaguar Azul*. É conhecido também como promotor de famosas revistas literárias como *Camarada Máuser* (1982), *Siesta Nacional* (1988) e *El Cielo de las Serpientes* (1994).

**VAMBERTO SPINELLI JÚNIOR (PARAÍBA)** – Poeta e professor de sociologia. Traduziu para a Blecaute os poemas de Jorge Campero.



## MÃOS, GAZES E ATADURAS

*Por Wander Shirukaya*

Até então minha relação com meu marido era promissora, não me cansava de lhe render os mais pomposos elogios; uma das razões ia muito além das qualidades que há de se exaltar em um cônjuge: simplesmente adorava a beleza e destreza que tinha na fatura de suas obras de arte desde que nos conhecemos no curso de Artes.

Passávamos dos vinte anos. Embora estivéssemos casados, ainda mantínhamos em nós uma efervescência que só nos atraía. Minhas ilustrações e aquarelas me fizeram ganhar a admiração de todos com quem estudei, mas era notório que, em comparação à técnica que meu então amigo tinha, eu era um zero à esquerda. Até tive melhor desempenho nas notas, mas na prática, a beleza que ele conseguia extrair de suas esculturas era incrível. No começo me sentia muito enciumada, porém acabei me rendendo a ele e a seus encantos. Namoramos durante alguns anos e, logo após a formatura, nos casamos. Como nossas condições financeiras sempre nos deram uma vida confortável, não tivemos dificuldade em conseguir uma boa casa com um porão que nos servisse de ateliê. Entretanto, certo dia, algo me intrigou profundamente e pôs fim a toda paisagem de deslumbres que havíamos pintado.

Trabalhar com cera, silicone e coisas do tipo sempre trouxe às esculturas de meu marido uma semelhança com a realidade que, muitas vezes, tornava-se perturbadora. Lembro de uma boneca de cera de uma modelo que fez sob encomenda. Passei dias remoendo o que sentia, se era admiração, se repulsa; algo me fazia passear entre estas sensações, especialmente pela precisão cirúrgica de sua composição. Meu esposo realmente tinha o dom para aquilo. Após alguns dias, só uma estátua, Célia, só uma estátua, acabei por me habituar. Mais uns dias à frente e a estátua foi vendida. Porém, ao pensar que tinha me livrado daquela estranha sensação, meu esposo criou uma obra que me deixou, no mínimo, consternada.

Era feita de silicone e tinha o tamanho natural; a tonalidade da “pele” era bastante leve, o que a fazia extremamente pálida, porém não inverossímil. Encontrava-se posta em um pequeno suporte de mármore, sua única proteção. Partes da pele estavam envoltas a ataduras, tratadas esteticamente para parecerem gastas – às vezes me questionava se meu marido as havia roubado de um necrotério ou hospital, tamanha era a estranheza do resultado. Tons de vermelho muito fortes davam a impressão de que estavam manchadas de sangue, ocultando uma eventual ferida. Mas não havia ferida, era apenas um simulacro, uma escultura absurdamente bem feita. E por que trazê-la para nosso quarto? Calma, meu amor, a iluminação do ateliê é diferente, estou querendo novos resultados. Acho, inclusive, que logo troco as luzes de lá. Admirava a sua perspicácia e criatividade, realmente as luzes brancas do porão causavam impacto diferente do amarelo suave do restante da casa (mas por que justo o quarto?), talvez



tenha sido por isso que me impressionava tanto o clima funesto daquele par de mãos feridas. Bastou que eu dormisse àquela noite e tive um pesadelo horrível, as mãos abandonaram o mármore em que descansavam e vieram até minhas pernas, subiam ásperas pelo dorso até me circundarem o pescoço, o ar sumindo, as mãos pálidas, de chagas profundas, vertendo sangue pelas ataduras, seus dedos apertando mais e mais, estalos de pescoço, a voz sem sair, gritei um socorro que bateu e voltou dentro de mim, ouvido talvez pelo coração acelerando em agonia e asfixia, o ar, estalos do pescoço, as veias das mãos salientes e vorazes por entre as ataduras, as luzes se esvaindo, escorrendo...

— Não!

Acordei com meu próprio grito abafado, rosto enfiado no travesseiro. O medo de me virar e respirar era grande, não queria me deparar com aquela escultura horrenda. Me encolhi toda entre os lençóis, me movendo apenas para buscar o calor de meu... Marido?

Foi quase um ato reflexo: atirei os lençóis para o ar, o abajur ligado. Tremi ao ver as mãos, imponentes, paradas no mármore e fazendo uma sombra enorme entre a penumbra. Cadê ele? Cadê? A escultura inerte, minhas mãos inertes. Levantei às pressas, em uma coragem repentina; eis que, ao passar pela porta do quarto, senti algo me puxar, acabei caindo, engatinhei ainda apressada, joelhos doendo, não olho pra trás, não olho, não olho, não...

— O que aconteceu, meu amor?

Ele explicou que havia se levantado para beber um pouco d'água; me puxou e acolheu em um abraço. Finalmente olhei para trás, os lençóis ao chão – teria tropeçado neles? Calma, meu bem, vamos voltar pra cama. Pedi que tirasse aquela coisa do quarto, ele retrucou com suavidade, é só uma escultura. Tentei me convencer daquilo o resto da noite, as mãos em sombras enormes na parede do outro lado, desliga o abajur, querido, por favor...

Tentava ao máximo manter a compostura. Como eu, pessoa inteligente e centrada que era, podia me sentir tão perturbada por aquele troço? Não, não era troço, era uma obra de arte. Já com o sol a pino, acalmei as pernas e fui até as benditas mãos. A vivacidade era tanta que sentia como se ela me visse ou percebesse. Perfeitos cada linha, traço e furo que a compunham, beleza grotesca inquietante. Eram mãos femininas, riscos muito leves, unhas bem feitas, apenas com as cutículas borradas em vermelho, tal como sangue. Ataduras manchadas, gazes tingidas de um rubor que só faltava...

Pingar? Corri, corri, coração no pé, descí as escadas, o porão, amor, a estátua, a estátua, amor, tá pingando, tá pingando! E por que o susto, Célia? Acho que a tinta que borrifei nas gazes foi muita. Pegou uma bolinha de estopa, um vidrinho de thinner, subiu para limpar o que sujou, havia dado um retoque na escultura há poucos minutos e depois descera para novas tarefas no ateliê. A essa altura, meu esposo já demonstrava certa preocupação comigo. Tentei então esconder minhas impressões, não estava louca, apenas assustada; a estranheza daquela coisa me fazia achar que ela estava prestes a se mexer. Me mantive com a cabeça no lugar quando, logo após o almoço, fui ao quarto e não encontrei o objeto. Você pegou a escultura, foi? Sim, meu



amor, está comigo no ateliê, estou retocando a tinta que borrou. Minha calma me fez pensar que tinha me livrado da hesitação. Todavia, bastou que a noite me pusesse para dormir e senti então pavor maior.

O começo do sono me levou a um ambiente bastante familiar, a sala de aula, nós conversávamos sobre artes, aquelas conversas que todos julgam prolixas, mas na verdade adoram ter. Nosso professor não havia chegado ainda, meu marido me mostrava fotos de alguns de seus trabalhos no laptop. Nossa, como você consegue fazer coisas tão... Reais! Não havia esculturas grotescas como o par de mãos que me perturbava, mas já algumas obras pequeninas feitas com silicone. O realismo era notável, admirável, causava inveja mesmo aos professores. Sempre quis fazer belos trabalhos daquele jeito com minhas aquarelas, só que aquarelas têm suas próprias razões de ser, suas especificidades, nada se comparam ao realismo obtido através do manuseio do silicone, da resina. Mesmo assim fiz minhas obras, os amigos gostavam. Cheguei a ter alguns trabalhos exibidos em galerias importantes do estado. Professor não vem hoje, teve um contratempo. Lá fomos então para os jardins não tão bem cuidados da faculdade, beijos, abraços, inspirações para tantas novas obras. E pisquei os olhos e me deparei com as mãos, sim, aquelas ataduras, as gazes pingando sangue, subindo em meu colo, buscando vorazes o meu pescoço. Amor, cadê você? O céu do meio-dia sumiu, deu lugar a um escuro bizarro, que não se totalizava por causa de uma luz, de onde vem essa luz, de onde? Um golpe de luz, fraca, tão trêmula quanto meus dentes, foco direto nas mãos que se arrastavam pelo meu corpo, não, não, sai daqui! O toque sai do suave em direção a uma pressão inimaginável. Os primeiros estalos no pescoço. Ar. Queria muito o ar, a vista novamente despencando no torpor, falta de ar. Falta de...

Daquela vez não cheguei a gritar, abri os olhos, me deparei com meu próprio braço enroscado no pescoço. Me encolhi na cama; meu marido, desta vez, estava lá. E as mãos? E as mãos? Juro que queria ver se elas estavam lá, acabei me encobrendo nas costas do esposo. Repeti a operação nas várias vezes em que acordei durante a noite.

Ouvi dizer que certos números possuem uma energia especial consigo. Nunca fui muito de credices, mas é fato que na terceira vez as coisas sempre chegam a níveis insuportáveis. A noite estava por vir, temia sonhar uma terceira vez com aquela coisa. Desci ao ateliê. Ainda envergonhada, pedi ao meu esposo que deixasse a escultura em outro lugar, ela estava me incomodando. Ele não riu, um cavalheiro até nisso, disse que eu estava impressionada e que aquilo logo passaria. Tudo bem, meu amor, vou deixá-la na sala hoje, já está pronta, retirei os excessos da tinta, veja. Ficou muito bonita, respondi insossa. Olhei-a diretamente mais uma vez, vi as mãos pálidas quase me analisando, cheguei a ter a impressão de que as conhecia de algum lugar... Desviei os olhos, sentei do outro lado, diante do meu cavalete preferido, onde me esperava uma tela em branco. Esboços em uma folha A3. Abracei meu marido pelas costas, mostrei os rabiscos, o que você acha? Estão bons, talvez um ajuste ou outro só pra melhorar o enquadramento. Lhe dei um beijo e voltei ao trabalho. Curiosamente, saber que as mãos ainda estavam



ali naquele lugar me perturbava. Havia outras esculturas tão belas quanto, mas aquela... Tinha até uma figura humana inteira em tamanho real, mas aquelas duas mãos possuíam algo que... Procurei não pensar mais naquilo ao máximo, as aquarelas daquele dia saíram horríveis. Tive vontade de esburacar a tela, meu marido do outro lado, não sou louca, me contive. Eu tinha de dar um fim naquela situação, mas como fazê-lo sem saber o que realmente ocorria? Saí para tomar alguma coisa na cozinha, única coisa que me veio à cabeça.

E eis que o terceiro sonho, que tanto temia, veio com tudo. A obra grotesca dormiu na sala, bem longe de minhas vistas, tranquei até a porta do quarto para me proteger, pouco adiantou. Sentia-as correr, mais ou menos como nos sonhos anteriores, pelo meu corpo, buscando meu estrangulamento, veio o primeiro estalo, a respiração se esgueirando pelo pescoço, não, sai daqui, sai! Sai! Elas me apertavam mais e mais, o atrito das gazes e das ataduras, que som horrível, coragem, Célia, coragem, como se criava coragem em sonho eu não sabia, mas tentava, tentei até conseguir agarrá-las, puxei-as com força, não me largavam, aquele escarlate deixando marcas em minhas mãos e meu pescoço; gritei com toda força que nem sabia que tinha, sai! Sai daqui! As mãos voaram, caíram ainda no leito e continuavam me perseguindo, meu pescoço pedindo ar, peito ofegante, meu Deus, aquelas coisas repugnantes, vindo, vindo, elas seguraram minhas mãos, que era aquilo, meu deus, começaram a puxar e puxar, não, a dor os pulsos, não, um puxão mais violento, sangue, não...

— Não!!!

Acordei gritando, berrando lágrimas, a pressão baixando. O sol forte vindo da janela, meu marido batia à porta, o que está acontecendo? Célia, querida, cheguei no ateliê e vi todas as estátuas quebradas, quem fez aquilo com meus trabalhos? Célia, porque trancou aqui outra vez, abre essa porta, abre! As batidas cada vez mais desesperadas, eu não podia abrir, chorava apenas, aquelas mãos, que marcas são essas em meus pulsos? Elas bastante inchadas e avermelhadas, tal como se inflamadas devido a uma má costura, não, isso é loucura, isso não tá acontecendo, olho minhas mãos, as unhas feridas, a pele pálida, as gazes encharcadas, as ataduras, não pode ser, minhas mãos! Minhas mãos! A dor na costura dos pulsos era muito forte, suor escorrendo o ar correndo enfim livre, queria que não corresse, assim não veria aquilo, abre essa porta, o que foi, meu amor, eu não posso, não posso, diante daquela cena ainda tentei me erguer, bastou que olhasse para o mármore – como ele veio para lá novamente? As mãos que lá estavam, limpas, claras, bem cuidadas bem... Minhas? O esposo arrombou a porta, naquele exato momento palavra nenhuma saiu, chorava observando o que me tinha acontecido, pressão baixando, desmaiei...



## MEU AVÔ ERA SANTIAGO

*Por Valdênio Freitas*

*Old man look at my life  
I'm a lot like you were  
Old man look at my life  
Twenty four and there's so much more  
Live alone in a paradise  
That makes me think of two  
( Neil Young - Old Man)*

Ontem eu vi uma foto do meu avô em uma praia. Por um movimento de câmera a foto acabou registrando apenas ele sozinho na diagonal e , mais afastado e prateado pelo sol, o mar. Mesmo usando um desajeitado calção de banho, o velho mantinha seu olhar característico: distante, imponente e sério. Contudo, eu nunca liguei a imagem daquele velho a praia, nem tampouco ao mar. O habitat do meu avô era mato adentro, para além das cercas, sol, pó, poeira e ventania. Mas tal qual a bravura de um Santiago diante do grande marlim azul, o velho des-trinchava e feria suas mãos, misturava e rasgava um pequeno e seco pedaço de terra. Boa parte dessa terra ficava em uma estrada que esporadicamente , depois de algumas chuvas, transformava-se em rio Mas com Sol e chuva na sua estrada, o meu avô estava cultivando e tentando retirar algo daquele solo. Não o fazia por necessidade, mas por alguma espécie de paixão pela terra. “Mesmo sem pegar nenhum peixe, o velho pescador Santiago amava tanto o mar que o chamava como uma mulher, la mer, que é o nome em espanhol que o chamam quando realmente lhe querem bem”. Mesmo quase cultivando em cima de rochas, o velho insistia em capinar, arar e depois plantar algumas sementes pequenas de milho ou feijão. Chegava uma época que era impossível querer plantar algo se não tivesse alguma chuva. Como um grande marlim despedaçado por tubarões a terra jazia despedaçada pela seca. Mas o que vocês diriam dessa coisa que não dá mais pé? Mesmo quando não conseguia plantar e fazer crescer algo, o velho ficava olhando para o horizonte e, quieto, aceitava seu destino. O sol batia na cabeça do meu avô que ,ao mesmo tempo que sustentava um grande chapéu, servia como apoio para sonhos e pensamentos que mantinham uma inabalável confiança na vida.

Quase tudo o que nele existia era velho, quieto e comedido, com exceção de sua ternura. Talvez durante uma fase mais jovem de sua vida o meu avô queria ser um grande herói das estradas. Viajou e morou para locais distantes para trabalhar em ofícios diferentes daquilo que gostava. Subiu novas montanhas tentou diamantes procurar e sofreu por morar em lugares que eram hostis a pessoas de sua origem. Ficou desnordeado, como é comum no seu tempo. Mas



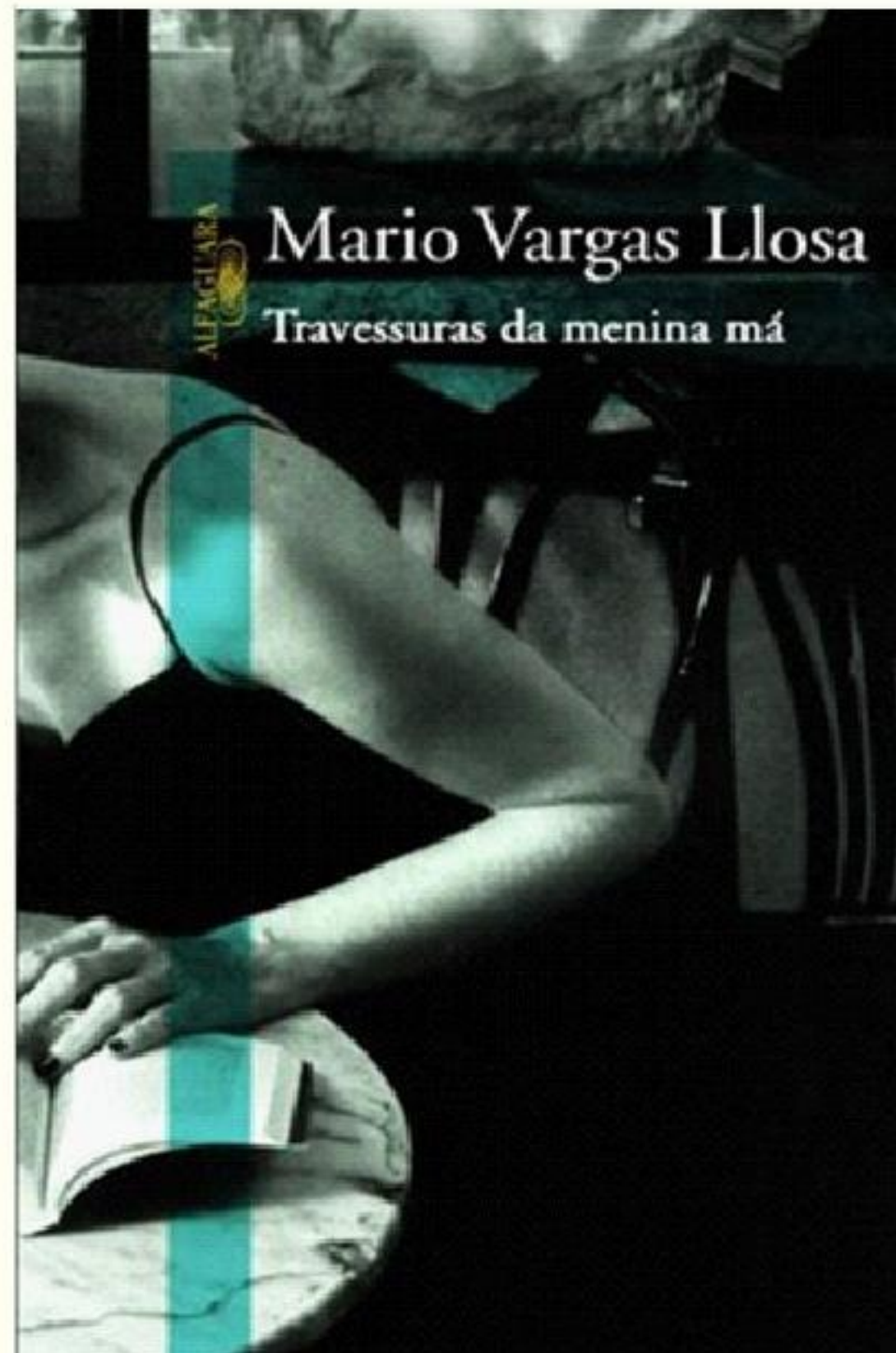
mesmo vivendo assim ele não esqueceu de amar, e pelos problemas e dores descobriu o poder da alegria. Meu avô tinha uma ternura simples e direta em meio a uma postura que, por vezes, aparentava ser de rigidez e hostilidade que só os velhos “ brutos” tem. Apesar de carregar uma grande faca na cintura e de sua camisa e seu ar forte de caçador o velho gostava de dar risadas altas enquanto brincava com filhotes de gatos. Saindo da postura de “homem forte” o velho não abria mão e nem tinha vergonha de abraçar e beijar os netos. Até mesmo odiando futebol, o velho adorava ficar ao lado dos pequenos na hora dos jogos e ria alto ao ouvir os guris chamando palavrões que mal sabiam o que significava. Diante dos netos parecia que meu avô lembrava o riso que tinha e que, às vezes, esquecia entre os dentes.

Nas madrugadas, bastava um gosto de sol na boca da noite para que o velho acordasse e colocasse o pé na estrada para ir pra sua pequena terra, o seu “roçado”. Foi ali que, por mais que isso seja temporalmente absurdo, eu vi o velho me dar adeus anos antes dele realmente se despedir. Ao longe a seguinte cena: parado no meio do roçado, o sol na cabeça, o velho para de mexer a terra durante alguns segundos e de longe penso ver – se não me enganou a miopia ou reflexo solar – mãos calosas soltando as ferramentas e me dando um aceno de despedida. As mãos que dizem adeus são pássaros que vão morrendo lentamente, Quintana acertou. Talvez o velho queria ficar guardado dessa forma na minha memória: um simples agricultor que não se esvai diante dos embates e das vicissitudes da vida, que se conformava com os triunfos e derrotas de forma sábia e tranqüila. Meu avô era, antes de tudo, um forte.



LLOSA, V. Mario. **Travessuras da menina má**. São Paulo Alfaguara, 2006

*Por Ivan Cavalcanti*



Uma leitura que me parecia despreziosa, afinal os livros da história e sua academia vinham me afastando de outras leituras nos últimos tempos. Numa informal ida a um sebo qualquer pergunto por um livro de história e o vendedor prontamente responde que não tem, mas que tem outros livros em promoção. Agradeço e dou um passo de partida, porém um encontro de olhares me faz ficar: *Travessuras da menina má*. Um romance que me chamou. Prontamente o comprei e logo mergulhei nessa obra me reencontrando com a leitura mais bonita e mais prazerosa.

Ao começar essa aventura lembrei que a leitura de alguns romances parecem de te abraçar, te dar as mãos e caminhar contigo por todo o enredo do livro. Não precisei ir a Paris revolucionária dos anos 60 ou a Londres dos anos 70 época da cultura hippie e do amor livre para senti-las; Llosa as trouxe pra mim de forma doce e gostosa através dos amores e desencontros de Ricardo e Lily. Chilenita, a personagem amada por anos e continentes, nos desperta, ao decorrer da obra, sentimentos confusos a todo instante: uma hora a amamos outra a odiamos. Numa história que começava no Peru, em um período de conflitos políticos e tantos proble-



mas sociais, não imaginaria encontrar Ricardo, seu sonho de ser intérprete, de ir a Paris e a sua travessa amada, Lily. Caminhando no texto de Vargas seguimos sorrindo e chorando com Ricardo e suas esperas e procuras pela menina má. Desde as festinhas na infância às fugas da fase adulta; dos encontros na agitada Tóquio aos beijos nas pacatas cidades do interior da Europa; Nosso autor consegue, na medida em que impõe várias situações de distancia aos protagonistas, nos aproximar quase de maneira particular de cada um deles e, ao final por conhecer o universo interior de cada personagem, conseguimos nos encantar com as essências dos dois juntos. Esse romance, com descrições tão rebuscadas, cenas tão empolgantes e que se passa da infância à quase senilidade dos personagens, transcorre dentro de um século de revoluções, amores, encontros e muitas despedidas. Governos autoritários, ideologias que não conseguiram realizar revoluções e as novas condições de relações fazem parte do pano de fundo na nossa história. Esse caminho faz com que os personagens, assim como nosso tempo remoto, abracem os continentes, as línguas estrangeiras, as diversas formas de se apresentar um romance cosmopolita e ao mesmo o modelo do romântico exacerbado, que se torna a mais doce figura dessa obra. As travessuras enunciadas no livro já em seu título são os condutores do nosso romance. Através de tanta identificação e apreço penso se essas, muitas vezes, não seriam caminhos que poderíamos passar que gostaríamos de fazer, de simplesmente vivê-las. Um livro, uma obra, uma grande arte. Não seria tão lindo se a Chilenita fosse uma boa menina.

---

**IVAN CAVALCANTI** (PERNAMBUCO) Historiador. Mestrando em História pela Universidade Federal da Paraíba. Formado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trabalha com Literatura, Música e Cinema na academia há cerca de 4 anos. Recentemente, trabalhou como pesquisador auxiliar no Livro *Sonhos Elétricos*, de autoria de Moraes Moreira. Estuda música brasileira nos anos 70 em seu projeto de Mestrado.



RUBIÃO Murilo. **Murilo Rubião - obra completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

*Por João Matias*



Neste brilhante coleção de bolso da Companhia das Letras, o leitor que ainda não teve contato com a obra completa deste ‘mineiro mágico da taberna fantástica’ poderá se deleitar com alguns dos melhores contos do realismo fantástico nacional. Gênero pouco considerado ao se falar de literatura brasileira, sabe-se hoje que mesmo autores consagrados, como Machado de Assis ou Lima Barreto renderam menções ao fantástico na América Latina. Murilo Rubião, entre eles, foi autor de obras conhecidas dentro do conto, estilo que o tornou conhecido, entre tantos raros no Brasil a praticar somente um estilo (e ainda mais o conto), com contos como “O pirotécnico Zacarias”, “O ex-mágico da Taberna Minhota”, “Teleco, o coelhinho”, “A Casa do Girassol Vermelho”, entre outros.

Não haveria homenagem mais apropriada. A literatura brasileira vive a época da retomada de gêneros clássicos, em sua eterna reconciliação com a literatura latinoamericana, a priorizar as formas mais experimentais e fantásticas em termos de estilo e narrativas. Os exemplos são muitos, no amplo celeiro da literatura contemporânea, porém ainda cultores de um estilo que imortalizou o gênero fantástico na terra de realismos exacerbados, engajados e renitentemente urbanos. Rubião, como poucos autores, possui um estilo único, com citações



bíblicas, personagens míticos, realidades consultadas em um dicionário sacro de expressões simbólicas. O leitor não se arrepende ao encontrar no conto “Botão-de-Rosa” um cristo vívido na imagem de um roqueiro hippie sacrificado por uma comunidade moralista; em “Teleco, o coelhinho”, a representação dos sacrifício como uma dádiva divina e do ser humano enquanto uma construção da própria religião.

É neste texto simbólico e expressivo que se fez, nas páginas desta coleção de bolso, o mais acessível possível, um escritor que se imortalizou em somente 28 contos. Não à toa, um dos melhores.



## PARAÍBA - RIO DE JANEIRO - 04:30H

*Por Flaw Mendes*

Num solavanco virei-me para enxergar os corpos pelo chão. Para minha surpresa... não vi nada fora do normal, esfreguei os olhos, no impulso de estar enganado. Realmente era um semi-sonho que tivera. E tudo estava absolutamente normal dentro daquele trem. A essa altura não tinha consciência do que estava a acontecer comigo. Sentia-me estranho. Conforto-me na cadeira e sigo minha viagem a olhar pela janela tudo, exatamente tudo, se indo. Passa mato, passa verde, passa árvore, passa estaca... Por ora vem o sol, e também este passa, volta e passa... E passa...

Vejo-me diferente, longínquo, realmente aquele ali, assim pequenino, assim magricela, tão deslocado era eu. Não reconhecia nada, só acompanhava tudo com os olhos, os moleques a brincar. Começo a recuperar minha consciência ao ouvir a voz da minha Tia Maria, sim aquela voz, tão doce, eu conhecia. Estava a me chamar: “Cá pra dentro!” Em um impulso só, pus-me de pé e sem perceber já estava sob suas mãos acariciando meus cabelos... Estas persistentes lembranças perseguem-me, justo na hora que mais preciso desprender-me de tudo o que vive, de tudo o que saboreei junto às árvores, do leite que bebi às tetas das vacas, dos gozos que de tudo tive naquele engenho que agora, penosamente, relembro tão distante de mim. O melhor seria prender-me àquele mundão de gente que me esperava, não sabia quem ou que tipo de pessoas estariam a me esperar no Rio de Janeiro, sei que boa parte da viagem gastaria a desvendar e descobrir nas minhas fantasias o que posso encontrar, coisas diferentes... Coisas, que coisas? Sempre ouvia um ou outro alguém falar das maravilhas, das facilidades de lá, dos estudos, de como era desenvolvido esse tal Rio de Janeiro, cá pensava eu, com desdém, que será que tem de melhor que o meu Paraíba? E um ânimo me tomou, repentinamente, já não sabia de onde vinha essa euforia, se era por causa das festas, de todo esse mundo que eu descobriria agora, não mais de ouvir falar, mas de vivenciar. Recosto minha cabeça no vidro da janela e meus pensamentos vão tão velozes, desfazendo-se, quanto a paisagem do meu engenho...

...árvores e mais árvores, meninos por todos os lados, negro, muitos negros livres, reconheço alguns fugidos da roça, por aquelas vielas longas e largas, as pessoas e suas roupas, tão diferentes... Sim, eu estava na tal cidade grande. O refúgio de muitos como eu, de outros menos que eu. Mas não via ninguém que se importasse comigo e a minha chegada. Estou a caminhar a passos longos e cada vez mais rápidos, em vão. Começo a ir, desesperado, de um lado para o outro, a esbarrar nas pessoas, nas coisas, em malas, e esse barulho que me impedia de ouvir meu pensamento, de repente encontro-me ouvindo apenas meus pulmões gritantes e ressonantes, dói-me a destituição de toda a minha notoriedade, de todo o meu valor, do meu status de filho brotado da terra, de filho de gente importante, e via isso em muitos ali, como



também via a conformidade de se viver assim, assim pelo dia que se tem, de viver assim em exclusiva exaustão de trabalho... Desolado ao chão surge um preá-da-índia enganchado a uma meia fina, e como em sonho, um rosto conhecido aproxima-se de mim, demoro a reconhecer o rosto, corado, da minha prima Lili, seu rosto vívido, mas já tinha uma fraca lembrança, tocou-me o ombro uma outra pessoa, essa lembrei-me bem, Maria Clara - minha paixão, tinha-me uma feição mais real, ao lembrar-me do preá no chão, perco das vistas as duas, no meio daquela multidão... cada vez maior, e mais pessoas, mais... Quando sufocado, apertado perco as forças. Maria Clara puxa-me pela mão, saio desviando das pessoas até chegar em um lugar quase vazio, onde sou surpreendido por um beijo, e beijo a Maria quando afastado é da Lili...

A primeira imagem que vejo, ao acordar, é de uma senhora com olhos - cuja grandeza passada condizia com o azul reluzente - assustados voltados para mim, dizia-me meigamente: "Foi só um sonho". As pessoas no ônibus, eufóricas, prontas para descer do ônibus seguiam, e eu peguei o que pude e desci, antes mesmo da senhora, companheira de viagem.

Naquele calor e barulho infernal sigo o meu caminho, dou por falta de uma coisa, quando percebo tocarem meu ombro, viro-me e novamente aqueles olhos seguidos de um sorriso terno, dizia-me:

- Acho que esqueceu isto, meu rapaz!

Via em sua mão, o companheiro mais íntimo que tive na viagem, um livro. Na capa, José Lins do Rego, *Menino de Engenho*.

Agradecido, apanho o livro e digo:

- Será apenas um sonho?



*DE MARIEL REIS*

### **Chegando em Casa**

Chegando em casa  
Abro a porta.  
E, no escuro,  
Permanecem estáticas:  
A cadeira, a roupa,  
Toda a extensão da sala,  
Tudo o que anseia um futuro...

E repentinamente se escapa  
Por entre os espaços do corpo.



### **Estão se Adiantando**

Reviro os documentos na escrivaninha:  
Bilhetes, registros e fotografias,  
Todas as testemunhas de que estive  
Presente em meu tempo.

Datas, carimbos e emolumentos,  
Rodam assentes em meu sangue cartorial,  
Enquanto lá fora o vento brinca  
Com as folhas que rolam soltas  
Por todo o quintal.

Entre um recorte e outro de jornal  
A notícia de um desastre automobilístico,  
A morte de uma bailarina, a internação do tísico,  
Um ou outro caso banal.

O anúncio da morte de um conhecido  
Que ganhou as feições de um arvoredado,  
Devido ao papel tão amarelecido  
Dispara em meu corpo o medo:

- Por que estão se adiantando, meus amigos?

Respondem:

“Em um tempo tão sombrio  
Cumprimos  
As ordens  
De nos retirarmos  
Da vida tão cedo.”



### **Cena Familiar**

Lá está minha mãe a catar feijão.  
Meu pai, sombrio, lê as notícias  
Sobre a crise no jornal.  
Meu irmão acompanha uma série na televisão.  
Minha irmã escova os cabelos da boneca.  
Instalado na solidão, observo a cena,  
Lembro do gesso na minha perna.  
E sem um motivo qualquer  
Arrisco escrever um poema.



## Notícia

Atento, leio os jornais,  
Na condução rumo ao Centro.  
As notícias permanecem banais:  
Desastres, mortes, o tempo.  
Os homens parecem seguir iguais.

E tudo é desmentido.

Atravessa a avenida  
Com zunido de projétil,  
Estatela-se do prédio  
Fincado está ao chão

Um homem com uma flor.  
Um homem como uma flor.

Um homem como uma flor  
Sem nenhum perfume.

Um homem como uma flor  
De estrume.

Um homem como uma flor  
Germinada do ciúme.

Ou como será noticiado:  
Um homem que apenas se matou.



### George Trakl

Tateamos a urna  
Em que restam  
As tuas cinzas,  
Juntamo-la ao  
Ouvido e nada...  
Voz alguma  
Levantou-se  
Para resposta.

O anjo postou-se  
À porta, calado;  
O vento gelado  
Trouxe os silvos  
Dos mortos e o  
Delírio inevitável  
Tornou harpa  
O silêncio petrificado.

As folhas bailam  
Mortas e o relicário  
Com tuas cinzas,  
Indecifrável,  
Estiola-se  
Perfume vândalo  
De campa ardente.



**UM CERTO JESUS:**  
*encontros com Cristo*

*Por Wilson Gorj*

**I.**

Encontrei-me com Jesus. Ele atirava pedras no lago.  
— Mestre...  
— Sim?  
— O que me diz dos pastores que o representam perante o povo?  
— Refere-se a esses tipos que estão na TV e no Plenário?  
— Exato, mestre.  
— Não falemos deles.  
— Mas, Jesus...  
— Pegue uma pedra.  
— Para quê?  
— Faça-a saltar na água.  
— Mestre, eu gostaria de uma resposta para...  
— Olhe.  
E Jesus fez quicar uma pedra três vezes na superfície.  
— Viu? — apontou, entusiasmado. — Um arremesso perfeito.  
E depois, sereno:  
— A pedra encrespou a água, mas veja o lago: permanece tranquilo.  
Fui embora. Juro que não entendo nada dessas metáforas religiosas.

**II.**

Jesus cortava os cabelos.  
— Vê se não corta muito — ia dizendo ao cabeleireiro, um homem de aspecto rude, a barba tão espessa que lhe escondia os lábios.  
Quando Jesus me viu ali, foi logo me avisando:  
— Chegou em boa hora. Agora é a sua vez.  
— Não, Mestre. Obrigado. Meu cabelo está de bom tamanho.  
Jesus olhou, cúmplice, para o outro barbudo. Parecia se conter para não rir.  
— É a sua vez — repetiu. — Pegue a tesoura.  
O homem passou-a para mim. De perto consegui ver sua boca. Sorria.  
— Mas, mestre... — argumentei, voltando-me para Cristo — talvez não seja uma boa



ideia. Mal sei manejar isso.

— Como não? É simples demais. Basta abrir e fechar. Venha. Quero que apare um pouco essa minha juba.

Obedeci. Um pouco receoso, mas cortei. Cortei, cortei... De nada adiantava, porém. Não adiantava porque o cabelo de Jesus permanecia sempre o mesmo. Desconfiei de que ele estivesse me pregando uma peça, algum milagre gaiato.

— Qual o propósito disso? — perguntei, por fim. — Seus cabelos não diminuem com os cortes.

Cristo e seu amigo, dessa vez, não contiveram o riso.

Só então me dei conta. Pelo chão não havia nenhum sinal de cabelos cortados, e a tesoura... Olhei-a bem: as duas lâminas não tinham fio. Não serviam para cortar.

Devolvi a tesoura, irritado:

— Tome esse instrumento inútil.

— Eu não diria “inútil” — rebateu Jesus, passando o dedo sobre umas das lâminas. — O termo correto seria “cego”.

Estava claro que ele não se referia à tesoura.

### III.

E lá estava ele, cochilando debaixo da maceira. Ao me aproximar, encontrei ao seu redor algumas maçãs devoradas. Chamei-o:

— Mestre.

Jesus acordou rápido, os olhos arregalados de susto.

— Me desculpe — disse-lhe eu. — Não quis assustá-lo.

— Não foi nada. Na verdade, devo agradecê-lo.

— Agradecer de quê?

— Você me salvou de um pesadelo.

Nós dois estávamos sentados. Ele ficou em pé.

— Dormir de barriga cheia não dá bons sonhos — sentenciou.

— E o pesadelo, sobre o que era?

— Perguntas, perguntas... — ele rebateu, impaciente. Mas depois suavizou, brincalhão:

— Deveriam colocar um anzol na sua boca.

Pensei no anzol: seu formato de interrogação. Boa metáfora.

— Bem, eu sonhava — continuou Jesus — que me conduziam de novo para a cruz.

— De fato, um pesadelo inquietante — concluí, meio desinteressado. Afinal, quem não conhece a história da crucificação?

— Mas a cruz era diferente.



- Diferente como?
- Era eu. Meu corpo feito cruz. Tentavam pregar-me em mim.
- Credo...
- Ainda bem que fui salvo a tempo.
- Olhei suas mãos. Sangravam. Ele limpou-as no manto.
- Estão sujas de maçã — desculpou-se, sem muita convicção.
- E, trepando na macieira:
- Vou pegar mais. Quer uma maçã?

#### IV.

Jogávamos dominó, eu e Cristo.

— O que está o incomodando? — ele me perguntou. — Hoje você não fez nenhuma de suas perguntas.

Relutei em falar. O que fiz foi pôr a minha peça na mesa, após a dele, fazendo uma curva no desenho dos dominós em sua direção.

- Fale, vai. Desabafe — ele insistiu.
- Sabe, Mestre... Tenho pensado no Paraíso.
- E?
- Não o quero.
- Posso saber por quê?

— Lá estarão essas pessoas que vivem julgando os outros e dizendo que tudo é pecado. Gente a gritar que este mundo é do Diabo. Que invoca o seu nome para tudo. Não os suportou.

— Mas quem disse que você irá para o Paraíso? — Jesus me olhava com deboche, enquanto colocava mais uma peça no jogo.

— Então para onde vou, Mestre? Para o inferno?

— Não se preocupe. Esse lugar não existe. Mas, se ganhar de mim, prometo que revelo para onde você vai.

Empenhei-me no jogo. Contudo, como era esperado, novamente perdi.

E foi assim que nos despedimos. Cristo foi para um lado e eu... Eu continuei sem saber para onde ia.



## V.

Na colina, eu procurava por Jesus quando, a poucos metros, avistei um lobo enorme. O medo não me deu tempo de pensar: fugi. Correndo, saltei na primeira árvore que encontrei; escalei e trepei no galho mais alto que consegui. Torci para que o lobo não tivesse a mesma habilidade. E o fato é que ele não tentou subir na árvore, mas ficou embaixo, à espera de que eu descesse. Ficaríamos ali naquele impasse — eu sem coragem para descer, ele sem vontade de subir — se Jesus não surgisse assobiando, com a naturalidade de quem se aproxima de um cão amigo.

— Pode descer — ele me tranquilizou. — O lobo não lhe fará mal.

Pensei em Pedro; precisamente, no conhecido episódio do mar revolto: ele atendendo ao chamado do Mestre, mas afundando na água por falta de confiança. Será que o lobo me atacaria?

Desci. Ou melhor, cai, pois me faltou a habilidade que o medo me emprestara para subir. Na queda, cortei a mão numa pedra pontiaguda. O lobo se aproximou e, antes que o temor me afastasse, senti sua língua lambendo meu sangue, fazendo-me cócegas na palma da mão.

— Não disse? — comentou Jesus. — Ele não é tão feroz quanto se imagina.

O lobo deixou-me em paz e foi se aconchegar nele.

— O que diriam suas ovelhas se o vissem assim, tão amigo de um lobo? — provoquei.

— Minhas? — ele estranhou. — Não tenho ovelhas.

As palavras de Jesus eram suaves; as minhas, sarcásticas:

— Os evangelhos dizem outra coisa. “O Senhor é meu pastor...” É uma metáfora recorrente.

— Antiga — rebateu ele. — Uma metáfora antiga e defasada.

De repente, o lobo se pôs em alerta. Descobri por quê. Da floresta, abaixo da colina, saíra um grupo de outros lobos. A alcateia ficou à espera dele.

— Vou indo — disse Jesus.

— Mestre, preciso falar contigo.

A ferida na minha mão ardia um pouco.

— Fique — pedi.

— Outro dia — respondeu. — Hoje, não.

Dizendo isso, foram, ele e o lobo desgarrado, ao encontro do bando que os esperava. Todos sumiram na floresta.



## VI.

Topei, outra vez, com Jesus. Ele caminhava apressado.

— Mestre, espere. Aonde vai com tanta pressa?

Não me ouviu. Continuou, apertando o passo. “Até parece que vai tirar o pai da força”, pensei. Foi aí que Jesus parou. Voltou-se:

— Judas não é meu pai — respondeu-me, sério.

Teria lido meu pensamento? Fiz outra pergunta:

— Posso ir contigo?

— Não. Você faz muitas perguntas.

\* \* \*

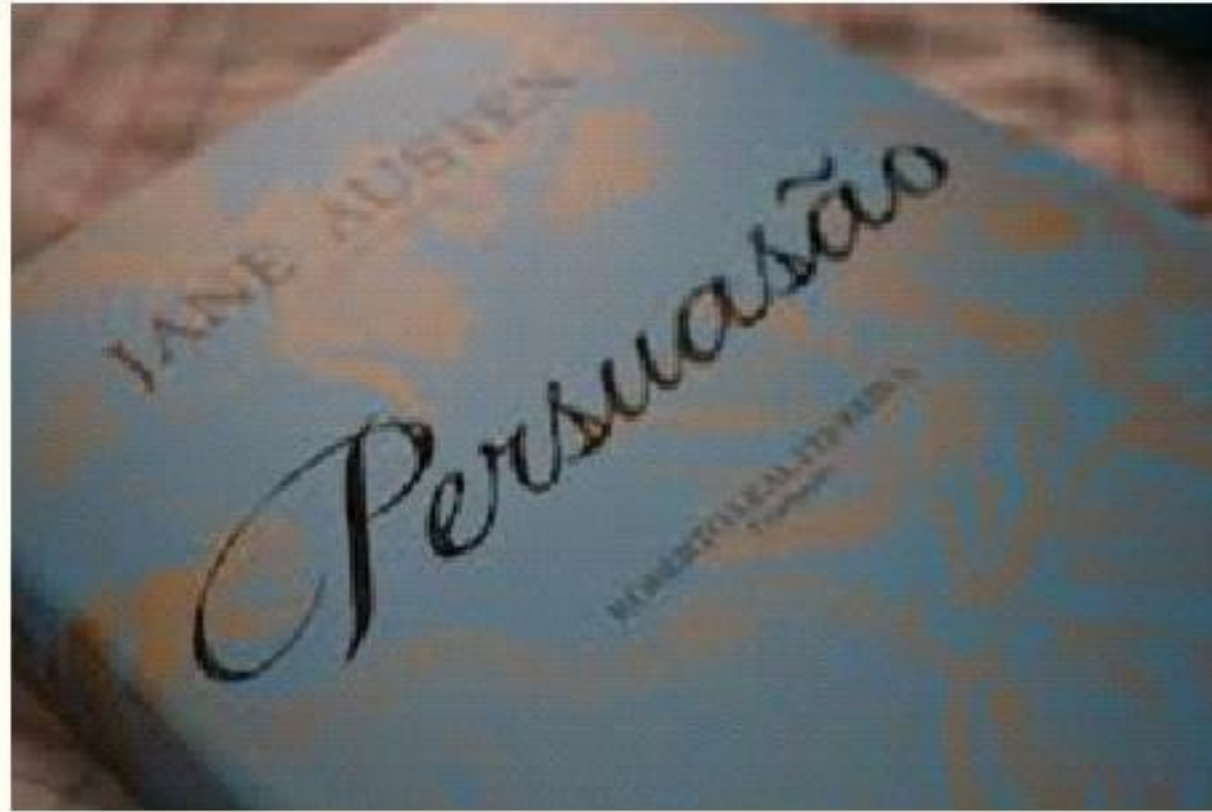
---

**WILSON GORJ** (SÃO PAULO) – Contista e Editor. Publicou o seu primeiro livro em 2007, com o título “Sem contos longos”, composto por cem micronarrativas. Em 2010 lançou o “Prometo ser breve”, pelo selo 3×4, voltado a microficcões, do qual foi o idealizador e editor durante mais de dois anos. “Histórias para ninar dragões”, o seu terceiro livro, saiu em 2012 pelo mesmo selo minimalista. Atualmente é colunista do “Jornal O Lince” e editor pela Penalux, editora fundada pelo próprio autor em parceria com o poeta Tonho França.



## PERSUASÃO DE JANE AUSTEN: POR QUE LER UM CLÁSSICO?

*Por Jeanne Paganucci*



<http://michasborges.blogspot.com.br/2012/10/meus-clicks-persuasao-de-jane-austen.html>

Os clássicos são conhecidos como o que possui perfeição ou mesmo é um exemplo a ser seguido. Mas nem sempre sabemos defini-los na imensidão de significados a que remetem. Geralmente, quando perguntamos as pessoas se lêem algum livro, respondem que estão relendo ou tentando ler um livro considerado de qualidade, nunca afirmam estarem lendo realmente. A verdade é que temos medo de lê-los, mais que isso, de não entendê-los. Existem muitas razões para a leitura de um clássico, mas quais as razões mesmo? A maior razão para ler um clássico não é viajar sem sair do lugar, nem mesmo voltar ao passado ou imaginar o futuro, mas sim conhecer nós mesmos, essa a maior razão para lermos os clássicos.

Quando se trata de leitura dos clássicos, temos absoluta certeza de que não daremos conta de ler todas as obras e conhecer todos os autores, porque nos perderemos nesta tentativa. A razão que nos traz esse ensaio é a tentativa de responder o porquê de ler *Persuasion* de Jane Austen nesta vida atribulada da pós-modernidade em que a mulher destaca-se de forma diferente das personagens do romance da autora.

O universo feminino parece estar em conflito com a realidade no que diz respeito ao que pode ser feminino, o que ultrapassa razões e fragmentos desse universo na história nula e camuflada das mulheres que ainda no século XXI carregam resquícios da cultura, das imposições e do esquecimento. Então, não seria difícil imaginar o que a escrita e a leitura podem fazer para mudar a vida de uma mulher, ou melhor, de várias mulheres.

As inquietações são muitas, porque o universo feminino está carregado de objetos e falas que parecem caracterizar a mulher, mas na verdade escondem os sentimentos mais importantes pelos quais vivencia e acredita. Esse universo feminino pode ser destacado em *Persuasion* de Jane Austen, em uma visão óbvia dos acontecimentos do século XVIII em que o período romântico prevalecia. Conhecer as várias faces do feminino deveria ser a primeira



lição de uma mulher, ao invés de aprender afazeres domésticos e costuras que, muitas vezes sufocam as ideias e naturalidade com a qual a mulher poderia se descobrir ou (re) descobrir.

Anne Elliot é uma personagem anulada pela família no que diz respeito ao direito de responder por si mesma. Suas razões de viver não importam, visto que é a mulher que se submete aos caprichos da família e de uma velha amiga, Lady Russell, uma velha amiga dos Elliot que não poderia fazer algo melhor que investir em persuadir Anne a tomar decisões que mudariam sua vida.



<http://janeausten.com.br/tag/anne-elliott/>

O silêncio de Anne Elliot em suas atitudes diante da família tornava sua vida uma simples passagem a qual não importava, nem mesmo ela. A morte de sua mãe parece ter apagado sua existência e condicionado todas as suas vontades e preferências ao julgamento dos outros, sempre as necessidades de sua irmã Mary ou de sua família antes de qualquer coisa. Essa questão de ser persuadida a realizar ou vivenciar imposições alheias fez parte da vida da personagem no decorrer do romance.

A personagem Anne já fez parte da história de muitas famílias em que não somente amigas da família se interessam em proteger meninas ou moças aparentemente inocentes, mas também pais e mães que em outros tempos escolhiam uma das filhas para simplesmente não casar ou não ter escolha do que fazer da vida. Esses fatos nos fazem pensar se ainda não acontecem situações em que os pais e amigos das famílias tentam persuadir jovens a agir de acordo seus ideais de vida.

De acordo Ítalo Calvino os clássicos são livros que nunca terminam de dizer o que tinham para dizer. Dessa forma, o romance de Austen reforça essa ideia porque tudo o que traz a respeito da mulher em sua obra parece ser algo que não finalizará e teremos a sensação de que nossa próxima leitura deste clássico trará as informações que não colhemos na primeira



leitura. Jane Austen castigou bastante sua personagem Anne Elliot com a sofrida forma de viver condicionada aos outros personagens e os resultados finais apesar de parecerem felizes, não deixam de enunciar que essa “felicidade” e o pensamento de que tudo dará certo no fim não é a resposta para Austen, mas sim um sarcasmo presente nas entrelinhas, sua última carta.

O romantismo era a ideologia da nova sociedade e a expressão da visão de mundo de uma geração que deixara de acreditar em valores absolutos, que não podia continuar acreditando em valor algum sem pensar em sua relatividade e limitações históricas. Tudo, para essa geração, estava vinculado a suposições históricas, porque tinha experimentado como parte de seu próprio destino pessoal, a queda da antiga e a ascensão da nova cultura. (HAUSER: 1998, 671)

Dessa maneira, o período romântico apresentou grande importância histórica, sobretudo para o século XIX, que herdou e dependeu das experiências, dos entraves e de toda a carga do subjetivismo vivenciado no século XVIII. O que marcou esse século foi sua subsistência, não apenas sua linguagem literária, os acontecimentos referentes às correntes românticas (Alemanha, Inglaterra, França), mas por sua repercussão até a contemporaneidade. É justamente nesse ponto que encontramos *Persuasão* de Jane Austen, no final do romantismo, sintetizando sua colaboração como escritora em sua última obra, ou seja, experimentando e ousando destacar o homem e sua vida de forma constrangedora em sua personagem Anne Elliot.

As atitudes subjetivas e egocêntricas passaram a ser naturais a partir do romantismo e compõem parte das características e dos costumes do homem do século XVIII até hoje. Assim, somos impelidos naturalmente a reproduzir nossos sentimentos em nossas ações, o que vem a confirmar a influência romântica em nossos atos. Por outro lado, alguns estudiosos caracterizam este período como doente, visto que há um exagero e distorção das coisas, como se estivesse perturbado ou amedrontado. Neste aspecto, o medo da morte, do presente e do fim do mundo parece ser algo que é sua preocupação maior, além da evasão para o futuro, a utopia. O pensamento e os costumes românticos influenciaram nossa forma de viver e nos envolver com a nossa cultura e que esta pertence a um fluxo e uma luta interminável, principalmente no que se refere a nossa vida intelectual.

A arte, a literatura e os princípios românticos destacam a mudança social, filosófica e cultural para as gerações posteriores. A literatura clássica de que estamos tratando é essa, a que modifica e faz vibrar o homem em sua realidade, não àquela que faz parte de acervos de bibliotecas as quais nem mesmo os livros são manuseados por quem se contamina pela leitura, também pelos clássicos.





<http://www.fanpop.com/clubs/jane-austen/images/952956/title/jane-austen-books-wallpaper>

Clássicos então são os livros que lemos porque estamos vivos e nos interessamos por nós mesmos, por nossos antepassados, por nossas experiências e simplesmente porque queremos lê-los, o mais importante. Ler um clássico como *Persuasão* faz conectar a mente com uma escritora que observou a mulher e escreveu algo sobre a história das mulheres, suas angústias, seus desencantos, suas vozes sufocadas pela vida que levavam, mas também, a beleza e a paixão com a qual a narrativa envolve e eleva quem a lê.

Anne Elliot pode ser definida como uma mulher que representa o silêncio, a ausência, o mundo do outro, a introspecção e o retorno a si mesma. Este é um clássico e pode ser lido por ser uma leitura interessante, não por ser clássico. Se o fato de ser clássico fizesse as pessoas lerem mais os livros isso seria um acontecimento extraordinário, mas ser clássico parece ser o motivo para afastar os leitores. Indico *Persuasão* como um livro que ensina algo para a vida e que os clássicos indicam o quanto a mulher conseguiu dar um salto para fora desse mundo de Alice.

## REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. *Persuasão*. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa* dicionário. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. 7. ed. Curitiba: Ed. Positivo; 2008.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Paidéia)



*DE LEO BARBOSA*

IV

Na ânsia de  
Decifrar a cifra  
Me violei



VII

Como pode a noção de finitude  
Invadir quando jovem?  
Mastiga, corta, dilacera  
Na ausência de rugas externas

Esse rio de ódio  
Corre por dentro  
Afundando a juventude

O silente coração  
Grita por fora  
A carência  
É uma grande  
Contradição.



XV

A solidão ganhou seu dia  
De vida inteira diante da morte  
Os brilhos só têm assombro

Os horizontes estão verticalizados  
Perdi no ganho, ganhei na perda  
Os contrários me deram o direito.

Masturbei meu corpo inteiro  
Em busca de um céu  
Que já estava no chão  
Cansei, casei e cá sei  
É a seca rompendo as solas  
Dissecando as solas dos caminhos  
Nos quais nem andei

Retiro os pés  
Ponho a voz a percorrer  
Um hedonismo sedentário.



XIX

A gente se adota  
E se sente dotado  
De força.

Depois a gente se abandona  
E deixa de ser dono.

Ninguém curará minhas orfandades.

Porque os seios secos  
Me encham de mágoa  
Não me afagaram  
Minha vingança:  
não me afoguei.





Thercles de Araújo Silva, mais conhecido como **Thercles Silva** é natural de Campina Grande (PB), mas vive na cidade de João Pessoa há 19 anos. cursou Educação Física na Universidade Federal da Paraíba e foi nesta época que rumou para as lentes fotográficas. Com 26 anos, é considerado um novo talento que surgiu no mundo da fotografia paraibana há cerca de dois anos. Apesar do pouco tempo, a bagagem profissional é grande e já colhe bons frutos e reconhecimento no meio fotográfico.



Andando - Salão de Artes do SESC 2013



Little planet - Foto360



Nos seus trabalhos, Thercles procura desenvolver projetos inovadores na cidade como as fotografias em *360 graus* (onde é possível ver a imagem de maneira global), *tour virtual* (no qual o observador se encontra em estado de imersão na imagem, que pode ser percorrida com movimentos do mouse) entre fotografias artísticas com muita aceitação e premiações em exposições.



2ª Proposta de capa da Blecaute (não escolhida)



NÚCLEO  
LITERÁRIO



Novo  
site da →



# Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

[www.revistablecaute.com.br](http://www.revistablecaute.com.br)

## Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto *Microsoft Office Word* (2003 ou superior) e se enquadrar nas seguintes categorias:

**Poemas** (devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total);

**Conto** (poderá ser enviado apenas um conto, sugerimos no máximo oito páginas);

**Ensaio** (poderá ser enviado um ensaio sobre temas ligados à literatura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas, sugerimos o máximo de oito páginas);

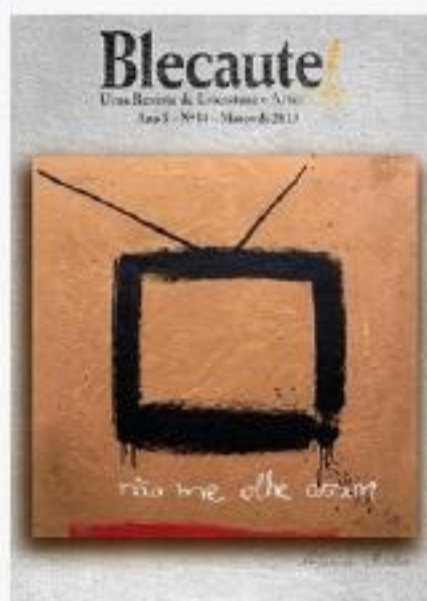
**Dicas de Leitura** (poderão ser enviadas três dicas de leitura, com até uma página, acrescida de uma imagem da capa do livro sugerido em boa resolução).

## Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.



ISSUU™  
You Publish!



REVISTA BLECAUTE N  
14



REVISTA BLECAUTE N  
13



REVISTA BLECAUTE N  
12



REVISTA BLECAUTE N  
11